

# *Desafios 9*

*Cadernos de trans\_ formação*

*Abril de 2015*



*Universidade Católica Portuguesa – Faculdade de Educação e Psicologia*



ISSN: 2183-7406

*Ousar ser autor nos tempos de crise*



## Ficha Técnica:

**Direção:** José Matias Alves

**Coordenação deste número:**

Luisa Orvalho

**Edição:** Francisco Martins

**Colaboradores permanentes:**

Ana Paula Silva  
Alexandra Carneiro  
António Oliveira  
Cristina Bastos  
Cristina Palmeirão  
Fátima Braga  
Fernando Costa  
Filomena Serralha  
Ilídia Cabral  
João Rodrigues  
João Veiga  
Joaquim Machado  
Joaquina Cadete  
Jorge Nascimento

José Afonso Baptista  
José Maria de Almeida  
José Reis Lagarto  
Luísa Orvalho  
Luísa Trigo  
Lurdes Rodrigues  
Manuela Gama  
Manuela Ramoa  
Maria do Céu Roldão  
Maria de Lourdes Valbom  
Maria Peralta  
Rita Monteiro  
Valdemar Almeida  
Vítor Alaiz

**ISSN: 2183-7406**



## Colaboram neste número:

- Raquel Cunha | Mestranda em Ensino da Música - Católica Porto | Academia de Música de Vilar do Paraíso
- M<sup>a</sup> da Glória Neto Leite | Subdiretora do Agrupamento de Escolas José Estêvão
- Armindo Jorge Dias Fernandes | Diretor do CFAECAAV – Centro de Formação de Associação de Escolas dos Concelhos de Aveiro e Albergaria-a-Velha
- Helena Rodrigues | Professora do grupo 400 da Escola Secundária Homem Cristo – Aveiro
- Orquídea Maria de Carvalho Sucena Martins | Professora do Agrupamento de Escolas de Aveiro – Grupo 520
- José Luís Gonçalves Serafim | Professor na Escola Agrícola Conde de S. Bento
- Isabel Fidalgo | Diretora Pedagógica da Escola Profissional de Coruche
- Maria Antónia Baptista | Diretora Pedagógica da Escola Profissional do Infante
- Carla Laranjeira | Coordenadora do Curso de Comunicação – Marketing, Relações Públicas e Publicidade da Escola Profissional Magestil
- Maria Leonor Fragoso | Psicóloga Clínica na Escola Profissional de Rio Maior
- Margarida Caldeira | Professora de Português e Apoio à Direção Técnico-Pedagógica na ESCO
- João Simões | Diretor de ciclo dos cursos profissionais do Externato Cooperativo da Benedita



## Índice

|   |    |
|---|----|
| Editorial .....   | 5  |
| O potencial da educação artística: um combate possível à problemática da retenção?.....                                       | 6  |
| Olhar Para o Ensino Profissional com olhos de Ver: a Mudança, a Melhoria, a Diferença - Um olhar com o Coração.....           | 10 |
| "Ensinar no ensino profissional - uma experiência de formação nas escolas de Aveiro e Albergaria -à- Velha " .....            | 15 |
| O Dia do Patrono.....   | 18 |
| Ser professora no Estabelecimento Prisional de Aveiro.....  | 20 |
| Planificar uma aula com ação estratégica e diferenciadora para o Curso Profissional Técnico de Turismo Ambiental e Rural..... | 32 |
| Uma prática de Sucesso na Escola.....   | 43 |
| O que se ensina ... o que se aprende.....   | 46 |
| O desenvolvimento da orientação empreendedora como prática pedagógica.....  | 52 |
| Processo de ensino e aprendizagem – um desafio também para as famílias.....   | 55 |
| PAP – um percurso de autonomia na ESCO.....   | 57 |
| A formação continua - OFICINA de FORMAÇÃO / Seminário sobre o Ensino Profissional....   | 66 |

## Editorial

### **Afirmar a diferença, a possibilidade, a esperança**

Neste número temático quisemos dar destaque ao ensino profissional e artístico. Por três razões essenciais:

a) porque é um ensino que promove a diversidade e por isso vai ao encontro da inclusão e da valorização das pessoas.

b) porque é um ensino que apresenta taxas de sucesso superiores (sob todos os pontos de vista) ao ensino dito *regular*.

c) porque nós, na Católica Porto, somos a ÚNICA Universidade Portuguesa que promove, valoriza e reconhece de forma sistemática o ensino profissional e o ensino artístico.

Estas são razões de contentamento e de esperança. Porque afirmam a possibilidade de outras formas de escolarização mais implicadas e participativas. Porque se inserem em projetos territorializados que conferem outro sentido e outro sabor ao conhecimento e à vida.

Agradeço à Doutora Luísa Orvalho (coordenadora na Católica Porto desta linha de intervenção) o trabalho investido na edição deste número. E saúdo os muitos professores e *diretores* que, mais uma vez, quiseram ser autores.



José Matias Alves

Coordenador do SAME

Diretor-Adjunto da FEP

## O potencial da educação artística: um combate possível à problemática da retenção?



**Raquel Cunha<sup>1</sup>**

Como é do senso comum, um aluno quando fica retido num determinado ano do seu percurso escolar, significa, geralmente, que não se esforçou e não obteve aproveitamento positivo a todas as disciplinas. É também do conhecimento geral que cada vez mais a profissão de professor é desvalorizada em Portugal. Tal como afirmou o Papa Francisco no Vaticano, os professores são muito mal pagos, sendo esta uma situação lamentável, pois ensinar é um trabalho fantástico e de muita responsabilidade e não deve ser contado apenas o tempo que se gasta na escola, mas também o tempo que levam a preparar-se e a pensar em cada um dos alunos. Referiu ainda que se deve estar sempre atento às “periferias”, não abandonando os alunos mais difíceis “à marginalização, à ignorância e à má vida”. Ainda acrescentou que “o dever de um bom professor (...) é amar com maior intensidade os seus alunos mais difíceis, mais fracos, mais desafortunados”. (Papa Francisco cit. in (Osório, 2015))

De facto, este assunto é muito pertinente e muito se relaciona com as Recomendações do Conselho Nacional de Educação, sobre “Retenção escolar no Ensino Básico e Secundário”, de 23 de fevereiro de 2015 e sobre a “Educação Artística”, de 28 de janeiro de 2013, cuja leitura me foi solicitada na unidade curricular de Ensino, Aprendizagem e Avaliação, do Mestrado em Ensino da Música, que frequento na Católica Porto, pois muitas vezes as taxas de retenção dos alunos poderiam ser mais baixas se a escola, professores e encarregados de educação se dedicassem mais aos casos problemáticos, ao contrário de os marginalizar.

Uma das medidas que considero de grande importância (e que deveria ser implementada o quanto antes) trata-se da integração da “educação artística” nos programas e currículos das escolas e em cada um dos ciclos. Entenda-se por “educação artística” a formação geral nas linguagens específicas de artes plásticas, música, dança,

---

<sup>1</sup> Mestranda em Ensino da Música - Católica Porto | Academia de Música de Vilar do Paraíso

teatro, cinema, artes digitais, que valorizam e desenvolvem a criatividade e a comunicação entre os alunos, mas também o conhecimento do património artístico, histórico e contemporâneo (desenvolvimento individual e desenvolvimento da sociedade). Esta integração do ensino artístico genérico nos percursos escolares dos alunos não deve ser confundida com o ensino artístico especializado, visto este tratar-se duma formação destinada apenas a alunos com aptidões devidamente comprovadas numa área artística específica. O propósito desta inclusão será, a meu ver, reforçar as capacidades criativas dos jovens, permitindo-lhes desenvolver todas as suas inteligências, bem como criar condições para a potenciação das capacidades e competências específicas de cada aluno. Mas, para isso, esta incorporação deverá ter início logo no nível pré-escolar e manter-se ao longo de todo o ensino básico, sem interrupções ou segmentações devidas às mudanças de ciclo.

Será também importante acabar com a excessiva cultura da “nota” que muitas escolas e pais defendem, pois sabem que depende da média final a entrada dos alunos/filhos no ensino superior, por exemplo. Para este pensamento, que já está tão enraizado na nossa educação, mudar, será necessário rever a forma como os alunos são avaliados externamente, ou seja, os exames e provas globais nacionais não deveriam ser a meta para que professores e alunos trabalham, isto é, não deveriam ser limitadores do processo ensino-aprendizagem. A forma como os alunos transitam entre ciclo de estudos deveria ser feita através de provas de acesso, não de exames finais, permitindo-lhes entrar num novo ciclo, sabendo quais as aprendizagens em défice e delineando estratégias com professores e encarregados de educação para a sua superação. O que se passa em quase todas as escolas do país é que os professores sentem-se bastante pressionados pelas direções para que os alunos obtenham bons resultados nas avaliações externas, de forma a ficarem bem colocadas no *ranking* nacional. Com esta pressão exercida sobre os professores, estes, por sua vez, sobrecarregam os alunos com trabalhos, testes e avaliações que não variam muito (ou quase nada) do modelo de avaliação externa a que irão estar sujeitos, transformando-os em “máquinas” de “copy-paste”, não desenvolvendo neles a reflexão nem a forma de aplicar os conhecimentos em situações práticas. Para além desta negligência dos processos de construção de aprendizagem, o carácter sancionatório e penalizador da avaliação impede a centralização das atenções de professores e alunos para a deteção das dificuldades, com o objetivo de encontrar soluções para as mesmas e de reforçar as áreas menos fortes.

De forma a colmatar estas lacunas no ensino português, é de realçar a importância da organização do trabalho pedagógico, assim como a existência de um ambiente colaborativo entre docentes, implementando estratégias de diferenciação pedagógica. Um caso que me salta imediatamente à memória trata-se duma experiência que fiz com uma professora amiga e que leciona na mesma escola: estando as duas a dar aulas a alunos com muitas dificuldades e, mesmo depois de adotarmos várias estratégias de recuperação e discuti-las entre nós, eles continuavam desmotivados e incapazes de superar os seus problemas. Assim sendo, optamos por, apenas numa aula, trocar os alunos entre nós, o que acabou por resultar de forma positiva, pois, muitas vezes, se o aluno falar com outro professor da mesma disciplina e mostrar-lhe as suas dificuldades, ouvirá, por outras palavras, a mesma explicação, mas que por ter sido outra pessoa a explicar de outra forma, pode resultar melhor! Daí o ambiente colaborativo entre professores ser fulcral. Será também de implementar uma cultura profissional docente mais centrada no desenvolvimento das competências e metodologias de trabalho num quadro de baixo rendimento escolar, de modalidades de avaliação de aprendizagens e do controlo da indisciplina.

Para que tudo isto seja possível, é imperativa a devida formação de docentes, o que implica criar condições de financiamento às escolas que permitam o desenvolvimento destes planos de ação. Para além destas formações dotarem os professores de ferramentas didáticas e metodológicas adequadas à intervenção sobre a motivação, recuperação de aprendizagens e controlo da indisciplina, devem também desenvolver neles saberes e estratégias pedagógicas que visem fortalecer a cultura artística dos alunos.

Por fim, é fundamental não esquecer o relevo da participação dos encarregados de educação na corresponsabilidade do processo educativo/formativo dos jovens. Para cada caso de risco de insucesso escolar, o envolvimento, compromisso e responsabilização dos alunos e famílias no sentido do cumprimento dos programas concebidos é essencial. Será também de valorizar o papel dos representantes parentais nos órgãos de gestão das escolas, com vista a construir em conjunto caminhos de combate ao insucesso escolar, desenvolvendo práticas e hábitos de convivência social e de cidadania, eliminando aos poucos comportamentos limitadores das aprendizagens, como a indisciplina em contexto de sala de aula.

Em suma, todas estas medidas devem estar presentes em cada ciclo e em cada ano do percurso escolar dos alunos, de forma a ser evitada a retenção. Sendo o diagnóstico



precoce e a intervenção específica e rápida aos primeiros sinais de dificuldades de aprendizagem as estratégias que maior consenso reúnem ao combate ao insucesso, é de referir que promover uma pré-escolarização de qualidade será o primeiro passo a dar neste longo caminho!

### **Referências bibliográficas:**

Osório, R. (2015). Professores são "muito mal pagos". *Jornal de Notícias*, 7. Recomendação Retenção Escolar nos Ensinos Básico e Secundário (2015). Lisboa: CNE Disponível em [http://www.cnedu.pt/content/noticias/CNE/Recomendacao\\_Retencao\\_final.pdf](http://www.cnedu.pt/content/noticias/CNE/Recomendacao_Retencao_final.pdf) [consultado em 13 de março de 2015].

Recomendação sobre “Educação Artística” Recomendação nº 1/2013 do Conselho Nacional de Educação (publicado no Diário da República n.º 19, 2.a Série, de 28 de janeiro de 2013).

## Olhar Para o Ensino Profissional com olhos de Ver: a Mudança, a Melhoria, a Diferença - Um olhar com o Coração



**M<sup>a</sup> da Glória Neto Leite<sup>2</sup>**

Outra escola para um mundo mais complexo e exigente; outra escola que redescubra as pessoas que moram nos alunos, e que funda a escolarização nos princípios da humanidade: na proximidade, na justiça, na compaixão, na exigência à medida do ser, na solidariedade, no respeito pela diversidade que enriquece. In Projeto de Intervenção do diretor do Agrupamento de Escolas José Estêvão, Aveiro, 2014-2018.

Enquanto formanda-subdiretora-professora fui desafiada a dar um modesto contributo para o *Desafios, Cadernos de trans\_formação*, do SAME, da Universidade Católica Portuguesa, Católica Porto o que constitui uma enorme responsabilidade e uma honra.

A minha caminhada pessoal com o ensino profissional é curta e recente, mas é simultaneamente intensa, desafiante, permanentemente inquietante. Constituiu nas palavras do nosso diretor transpostas para o seu Projeto de Intervenção 2014-2018, um olhar para a Escola com olhos inovadores, no respeito pela diversidade enriquecedora, mas que não olvida a exigência à medida exata daquilo que cada um pode contribuir. Assim, dando resposta aos reptos constantes do PE o Agrupamento de Escolas José Estêvão traçou o caminho da formação / ação com vista à melhoria dos professores que trabalham com jovens dos cursos profissionais. Fui envolvida desde o início na constituição da equipa que deveria avançar como pioneira nesta MISSÃO.

---

<sup>2</sup> Subdiretora do Agrupamento de Escolas José Estêvão

As ameaças da Escola atual atingem mais facilmente os formandos do Ensino Profissional e o diagnóstico feito na nossa Escola Secundária, ao nível dos resultados não foi animador – elevada taxa de abandono dos cursos e elevada taxa de insucesso. Isto é, desde a sua criação em 2007 que a taxa de formandos que concluíram os cursos ficou muito aquém do que seria desejável. A percentagem de formandos com módulos em atraso, era igualmente assustadora, requerendo uma intervenção planificada, célere e eficaz, bem assim como o abandono dos cursos. Porém, para todos estes desígnios, importa chegar ao âmago da atividade docente e olhar para dentro das práticas de sala de aula, refletir sobre as mesmas, rever conceitos, alterar formas ensinar, questionar, modificar. Pessoalmente, durante o anterior ano letivo, algumas vezes me questionei da necessidade de encarar a Estrutura Modular dos cursos com uma visão de flexibilidade permanente (contraposta ao uma certa rigidez que fui pressentindo), sobretudo ao nível da “conceção”, da “realização” para “centrar a aprendizagem sobre a pessoa do aluno”, não deixando nenhum aluno com módulos em atraso, apesar dos diferentes ritmos. Da mesma forma, careci de trabalhar em articulação com os outros professores do Conselho de Turma, alargando o caráter de disciplina transversal e de maior abrangência com que encarei o Inglês então lecionado, tendo apenas conseguido este objetivo, esporadicamente com a articulação e trabalho colaborativo com uma outra disciplina do plano técnico, o que foi manifestamente insuficiente.



A concretização da Oficina de Formação -“(RE)APRENDER A ENSINAR E AVALIAR NOS CURSOS PROFISSIONAIS: O SABER EM AÇÃO” - veio trazer ao grupo de formandos enormes desassossegos, grande questionamento interior e externo, exigiu ver com olhos de

mudança, de melhoria, de novas construções, de diferentes perspetivas. A participação na Ação veio desinstalar e inquietar o *modus operandi* do grupo de formandos/professores que trabalha afincadamente. Desde logo porque o grupo de professores constituiu-se como equipa de trabalho, partilhando reflexões, angustias, materiais, experiências, saberes. Posteriormente o âmbito do trabalho do grupo está já ao nível de outros professores dos diferentes Conselhos de Turma, mercê dos projetos colaborativos que estão a ser implementados. Lançando, simultaneamente as sementes da mudança, pela introdução de novos instrumentos de avaliação, de metodologias de avaliação, de trabalho em sala de aula, de alteração de critérios ao nível do Agrupamento (entre outros). Partindo da construção do Projeto de Melhoria elaborado com base nas propostas apresentadas por todos os formandos, depois de uma análise SWOT, foram posteriormente realizadas leituras teóricas sobre temas julgados dominados por todos, mas que estavam a necessitar de um novo “olhar”, às quais se seguiram as respostas coletivas a questões demasiado pertinentes para a nossa prática. “Ser professor não é, pois o resultado da soma de umas tantas “ciências da educação” arredondada por um qualquer “estágio pedagógico”. Só quando a competência de um professor é *incorporada estaticamente num habitus* profissional, ou seja, num saber-ser que se torna competência *em pessoa*, só então a distinção profissional se eleva à excelência pessoal de um agir sempre naturalmente *bem*. Em suma, sem dignidade pedagógica não se entra no reino da Pedagogia.” Na evolução da formação constatou-se a premência de termos presente o “saber educativo”, aliado a capacidade de reflexão e ao poder de decisão, tão nossos, tão distintivos da profissionalidade docente. A primeira como aliada do professor – ser reflexivo por natureza sobre a função que desempenha. Todavia é no poder de decidir fundamentadamente sobre o que é melhor para um aluno e o que melhor se ajusta ao seu colega de carteira; de decidir sobre as adequações, sobre as modificações, sobre optar por esta em vez daquela estratégia que reside o âmago do Professor. É este poder fundamentado, esclarecido que visa a produção de saber nos formandos/alunos que conduziu a viagem deste grupo de formandos/professores com os olhares cruzados entre as teorias e as suas práticas, mas que manteve o foco no aluno, na sala de aula, nas aprendizagens com sentido, naquilo que cada aluno sabe e não sabe sobre os conteúdos que vão ser lecionados que guiou ao patamar prático da formação. Apareceram as planificações de aulas, de projetos integradores, revolveram-se saberes, discutiram-se paradigmas, metodologias e materiais

didáticos, constituíram-se grupos de trabalho. Avança-se dentro das salas de aula com técnicas de diferenciação verdadeiramente diferenciadoras, questionamos a falta de motivação de alguns formandos. Mantemos o ator principal permanentemente em cena, o formando como dono da sua autoavaliação e autorregulação, conhecedor das etapas da sua própria aprendizagem, detentor de ferramentas que lhe indicam os caminhos sobre o que se espera dele, como e para quê deve adquirir competências. Ao professor cabe a tarefa de ser “o construtor de ambientes de aprendizagem”, acrescentaria eu, de aprendizagens diferenciadas para cada formando, mas cujo objetivo final seja o mesmo para todos, levar cada um ao máximo do seu potencial.

Ao longo deste meio ano de formação desconstruí saberes, reconstruí outros tantos, alterei, analisei, fiz e refiz conceitos, ajudei a pôr em prática momentos dedicados em exclusivo, ao Ensino Profissional que ajudaram a encarar este, de forma mais digna dentro do Agrupamento de Escolas José Estêvão.

Contudo há algo que permanece indelevelmente inalterado – todos os “olhares” foram exercidos com os olhos do coração. Por de trás de cada formando existe um ser humano que deve ser compreendido, entendido de forma holística, no seu contexto. Continuo a acreditar que nenhum formando/aluno poderá abraçar o conhecimento sem a motivação que procuro levar a cabo com “o olhar do coração”: atender às suas características, abrir horizontes, levá-los a ver para além do que cada um vislumbra da sua janela, alimentar crescimento com base nos valores da humanidade.

Imagine every child being taught within a culture of human rights. A culture that includes respect for self and others in every action carried out, a culture of non-violence, a culture of service, of living life in peace. The effects of how that child will live life down the road are unknown, but we believe the results will mean fewer battered women’s shelters because there is less domestic violence, fewer soup kitchens because there is less hunger, fewer refugee camps because there is less hate and judgment in the world, and fewer crimes of war because there are fewer destructive conflicts.

## Bibliografia

ORVALHO (Coordenadora), Luísa (1992). Estrutura Modular nas Escolas Profissionais. Quadro de Inteligibilidade. Porto: GETAP.

SANTOS, FERNANDO (2014). Projeto de Intervenção do Agrupamento de Escolas José Estêvão. Aveiro.

ROLDÃO, M. C. (2009). Estratégias de Ensino. O saber e o agir do professor. Desenvolvimento Profissional dos Professores. V. Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão.

TOMLINSON, C. (2008). Diferenciação Pedagógica e Diversidade. Ensino de Alunos em Turmas com Diferentes Níveis de Capacidades. Porto. Porto Editora

## "Ensinar no ensino profissional - uma experiência de formação nas escolas de Aveiro e Albergaria -à- Velha "



**Armindo Jorge Dias Fernandes<sup>3</sup>**

Desde o seu início, em 1989, e durante quase duas décadas, os cursos profissionais eram apenas lecionados em escolas profissionais privadas. A expansão dos cursos profissionais às escolas públicas, designadamente nas Escolas Secundárias, a partir do ano 2004/2005, através de uma maior diversificação da oferta educativa, pretendeu responder às expectativas de públicos escolares diferenciados, promover uma maior igualdade de oportunidades e a melhoria do aproveitamento escolar. No entanto, nas escolas secundárias dos concelhos de Aveiro e Albergaria-a-Velha, este objetivo não está plenamente atingido, pois as taxas de conclusão dos cursos profissionais ainda são significativamente mais baixas do que o desejado e esperado.

Como melhorar a leção do ensino profissional, no sentido de atingir mais elevados níveis de sucesso e, consequentemente, uma maior inserção dos alunos/formandos no mundo do trabalho?

Entre outras, uma das respostas possíveis apontava para a necessidade dos professores realizarem formação contínua que os prepare adequadamente para a leção dos cursos profissionais, sobretudo no domínio de novos métodos e estratégias pedagógicas.

A formação ministrada nos cursos profissionais tem uma finalidade diferente da dos cursos científico-humanísticos e o modelo pedagógico que o caracteriza – formação modular – implica uma formação específica que a maioria dos professores não receberam ao longo da sua formação académica de base.

---

<sup>3</sup> Diretor do CFAECAAV – Centro de Formação de Associação de Escolas dos Concelhos de Aveiro e Albergaria-a-Velha

Enquanto diretor do centro de formação de associação de escolas dos concelhos de Aveiro e Albergaria-a-Velha, e mandatado pela respetiva comissão pedagógica, fui à procura dessa formação à Universidade Católica do Porto, que possui larga experiência nesta área específica de formação.

Foram selecionados trinta e oito professores das cinco escolas secundárias de Aveiro e Albergaria-a-Velha e organizadas duas turmas da oficina de formação **"(Re) aprender a ensinar e avaliar no ensino profissional: o saber em ação"**.

A formação, com 25 horas presenciais e 25 horas de trabalho autónomo e colaborativo, começou em setembro de 2014, com um seminário inicial e terminará no próximo mês de julho, com o seminário final.

Tenho acompanhado de perto esta formação e testemunho o muito e excelente trabalho que tem sido realizado. Trabalho realizado autónoma e colaborativamente pelos professores, apresentado, discutido e aperfeiçoado nas sessões presenciais, por forma a permitir a monitorização e a melhoria dos projetos de intervenção a desenvolver nas respetivas escolas.

A formadora, doutora Luísa Orvalho, consultora do SAME, tem sido exigente nos trabalhos solicitados, mas compreensiva e atenta às dificuldades que vão surgindo. Os professores têm correspondido da melhor forma, com profissionalismo e vontade de aprender e fazer diferente.

Esta formação está a afirmar-se como uma excelente ferramenta de capacitação dos professores para uma intervenção mais sustentada nos seus contextos profissionais, transformando as suas práticas num laboratório de experimentação e investigação.

Está plenamente assumido pelo grupo que o modelo pedagógico dos cursos profissionais implica, desde logo, a necessidade de uma articulação permanente entre os vários elementos das equipas pedagógicas. E isto faz toda a diferença, pois é um importante elemento distintivo da qualidade da formação. Os trabalhos já realizados têm demonstrado que os cursos profissionais são muito exigentes em termos da planificação e organização prévia das aulas, da necessidade de um trabalho colaborativo entre os professores, do permanente acompanhamento do processo de aprendizagem dos alunos e da sua avaliação formativa e sumativa.

Estou certo que o excelente trabalho que está a ser desenvolvido permitirá o aperfeiçoamento dos projetos de melhoria das práticas pedagógicas e avaliativas ao nível



do ensino profissional, contribuindo para o sucesso dos alunos, dos professores e das escolas. Não será uma tarefa simples, nem fácil, nem rápida, mas acredito que será uma realidade, porque estes professores querem protagonizar essa mudança.

## O Dia do Patrono



**Helena Rodrigues<sup>4</sup>**

*“A vida está cheia de desafios que, se aproveitados de forma criativa, transformam-se em oportunidades.”*

*Marxwell Maltz*

O Dia do Patrono **da Escola Secundária Homem Cristo, em Aveiro**, é festejado todos os anos, em fevereiro ou em março, mediante a conveniência do calendário escolar. A rotina letiva dá lugar, nesse dia, a um conjunto variado de atividades abertas a toda a comunidade local.

Ao fim destes anos, a comunidade escolar tem conseguido reinventar-se e apresentar sempre atividades diferentes e cativantes.

O ambiente deste dia é festivo e alegre. Contudo, a Escola ganhou uma maior dinâmica, visibilidade e interação, quer com o público residente, quer com a comunidade local, desde que passou a integrar primeiro os cursos tecnológicos e mais tarde os Cursos Profissionais.

As disciplinas de Animação Sociocultural e Área de Expressões, da componente técnica, apresentam sempre um conjunto de trabalhos minuciosos e criativos de grande impacto no público. Para além destas atividades, normalmente expostas na sua sala de trabalho habitual, são ainda responsáveis pela animação de rua, da escola, do sarau, do encaminhamento dos grupos de visitas, do tratamento do som, entre outros.

Este ano, juntou-se mais um desafio: congregar as atividades dos vários cursos em torno de uma temática comum – *Homem Cristo: construtor de aprendizagens*.

---

<sup>4</sup> Professora do grupo 400 da Escola Secundária Homem Cristo - Aveiro

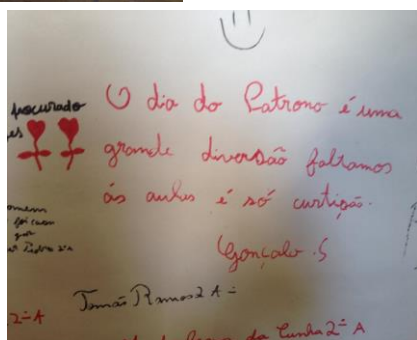
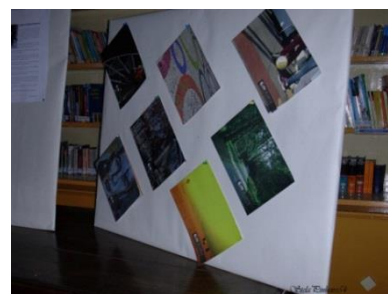
O desafio fora lançado pela formadora, doutora Luísa Orvalho, na ação de formação *"(Re)Aprender a Ensinar e Avaliar nos Cursos Profissionais: o saber em ação"*, sobre a articulação do currículo dos profissionais.

O grupo frequentador da ação falou com o diretor, o tema foi levado a conselho pedagógico e aprovado. E o tema das aprendizagens foi o mote para os subtemas dos vários departamentos. O tempo foi escasso para formandos e formadores, mas as atividades efetuaram-se e o público, grande e pequeno, aderiu e gostou.

Aprendeu-se muito, quer com os aspetos positivos, quer com aqueles que não correram tão bem. Mas, foi uma grande oportunidade de se ganhar consciência das potencialidades e dos aspetos fortes, que se podem elaborar de forma mais articulada, mais consistente e mais calmamente para o próximo ano letivo.

O importante foi termos respondido ao desafio, termos mobilizado vontades, termos aderido ao espírito de "fazer diferente", e, sobretudo, termos «saído do local de conforto». Tem um preço. Tem. Mas nada na vida é gratuito ou inócuo. Ficou a aprendizagem. Afinal, foi ela o mote do Dia do Patrono.

#### DIA DO PATRONO – Escola Secundária HOMEM CRISTO - Aveiro



## Ser professora no Estabelecimento Prisional de Aveiro



**Orquídea Maria de Carvalho Sucena Martins<sup>5</sup>**

No momento em que me apresentei pela primeira vez na Escola João Afonso de Aveiro, como professora de Biologia, foi-me proposta a integração, no meu horário, de uma turma no Estabelecimento Prisional de Aveiro. Aceitei sem hesitar. Afinal sempre considerei que outras experiências de ensino são enriquecedoras. Sempre gostei de desafios. Não sabia o que me esperava mas senti que era mais uma oportunidade de enriquecimento da minha formação humana e profissional.

### Breve história do ensino nas Prisões de Portugal

De acordo com o trabalho de Maria José Moutinho Santos “O ensino nas prisões – o exemplo da cadeia da relação do Porto no século XIX”, inserido no projeto de Doutoramento sobre criminalidade e vida prisional apresentado à FLUP, (e publicado na Revista da Faculdade de Letras: *História*, II série, Vol. 10 (1993), pp. 289-300) era comum no século XIX considerar que a ignorância das classes mais pobres constituía uma causa de delinquência. Em Portugal a leitura das estatísticas criminais parecia demonstrar a existência de uma relação íntima entre o analfabetismo e a prática da delinquência, justificada pelo facto de a criminalidade ser consideravelmente menor entre aqueles que sabiam ler. D. Pedro V, que conhecia bem o nosso sistema penal e a desgraça da situação das nossas cadeias, incapazes de contribuir de alguma forma para a diminuição do crime, observou, em 1856: “As características criminaes apresentam a prova evidente de que a instrução é a inimiga do crime”. Também no verão de 1875, Ramalho Ortigão, a propósito da construção da penitenciária de Lisboa, escreveu que “Os resultados das estatísticas modernas demonstram que o crime está sempre na proporção inversa da instrução.”

---

<sup>5</sup> Professora do Agrupamento de Escolas de Aveiro – Grupo 520



Apesar de entretanto terem surgido outras opiniões contraditórias sobre o papel da instrução face à criminalidade, em Portugal introduziu-se nas prisões, ainda no século XIX, um sistema educativo, regulamentado pela Lei da Reforma Penal e de Prisões, de 1 de Julho de 1867. O objetivo era dotar os presos de instrução. Apesar da inexistência de espaços e material adequados, a frequência escolar foi significativa e com sucesso comprovado nas várias referências encontradas em livros e outros artigos escritos ao longo do tempo. Uma dessas referências consta do relatório enviado por José Galdes dos Santos (ex-presos e posteriormente guarda da Cadeia) ao Procurador Régio, em Fevereiro de 1881:

Se os estabelecimentos de detenção estão considerados como hospitais moraes a escola é por certo um dos mais poderosos auxiliares para a reabilitação dos infelizes que um máo cesto, e, na maior parte dos casos, a falta d'instrução e o obscurantismo alli arrasta. (...) Muitos dos desgraçados que passam aqui têm entrado completamente analfabetos, saíra, com a instrução suficiente para poderem seguir uma senda digna e honrada. O estudo, desviando-os da perigosa ociosidade, ameniza e esclarece-lhes o espírito, fazendo-os pender para a moralidade e para o bem.

Apesar de todo o trabalho realizado ter dado alguns resultados animadores, outros estudos realizados a partir das estatísticas da criminalidade conduziram a teorias sobre a inferioridade intelectual dos criminosos. Assim, o ensino nas prisões deixava de ter qualquer razão de ser.

Mas mesmo assim, o ensino nas cadeias foi sendo disponibilizado aos reclusos, com algumas adaptações relativamente a programas e formas de os ministrar e atualmente considera-se indispensável. “O objetivo fundamental do ensino e da formação em meio prisional é entendido no sentido de proporcionar ao recluso meios credíveis para que, após a reclusão, possa ser economicamente independente e viver a sua vida sem ter que recorrer a atos criminosos para sobreviver” (Santos et al., 2003, p.106).

A partir de 1979, o ensino nas prisões, até aí assegurado por técnicos do Ministério da Justiça que acumulavam as funções docentes com outras tarefas na área da educação,

passa a ser assumido pelos Ministério da Justiça e Ministério da Educação, nos termos definidos pelo Despacho-Conjunto nº 451/99 de 1/6, onde se estabelece que é da responsabilidade do Ministério da Educação a prática educativa em contexto prisional e que postula não ser aconselhável, quer pedagógica, quer funcionalmente, que a Direção Geral dos Serviços Prisionais tenha um quadro de professores próprio.

Com a partilha de responsabilidades e a participação de Professores dos Agrupamentos de Escolas geograficamente mais próximos dos Estabelecimentos Prisionais, pretende contribuir-se para o aumento das habilitações e qualificações dos reclusos e, promover a aquisição de competências básicas de comunicação no sentido de uma melhor integração social. O ensino e a ocupação laboral (quando é possível), são considerados instrumentos fundamentais no plano de reinserção do recluso, no sentido de desenvolverem competências sociais (e profissionais), como forma de terapia ocupacional e preparação do recluso para a vida ativa, tanto no meio prisional como na altura da saída. A baixa escolaridade e, praticamente, a ausência de qualificações, torna a Formação Escolar e Profissional um instrumento fundamental para dotar este público de competências. O ideal que se pretende atingir é que, quando de novo em liberdade, cada pessoa X seja capaz de conduzir a sua vida de modo socialmente responsável, sem que pratique crimes, e possa ser integrado na sociedade sem que esta se sinta ameaçada pela possível prática de outros factos criminosos.

### **A nossa realidade – a Escola no Estabelecimento Prisional de Aveiro**

E ao longo destes mais de 10 anos de serviço com componente letiva no Estabelecimento Prisional de Aveiro sinto-me cada vez mais, mas muito mais professora.

Para lá das paredes grossas, dos portões de ferro que se abrem com chaves grandes também de ferro, das grades que impedem as janelas de abrir para entrar ar fresco, ou raios de sol... para lá dessa longa fronteira, estão pessoas. Homens, que de uma ou outra forma, com maior ou menor motivação, com mais ou menos revolta, com maior ou menor esperança, esperam pela oportunidade de melhorar a sua vida. Todos querem um dia sair em liberdade e recomeçar uma vida diferente e mais feliz. E sabem que os professores, carregados de livros, papéis, computadores e outros materiais, lhes levam conhecimento, experiência, oportunidade. Mas levam também o cheiro da rua, do sol ou da chuva, o fresco do vento, a cor das flores, o canto dos passarinhos ou o barulho dos carros na cidade

... o sabor da liberdade. Levam roupas coloridas que contrastam com as fardas dos guardas e com o ambiente escuro e triste. Levam sorrisos, levam tempo, levam paz.

Nas salas apertadas, sem materiais atraentes e facilitadores das aprendizagens, os professores procuram transformar a tristeza em alegria, a revolta em tolerância, a solidão em amizade e união. Conseguem-no através do imenso material que carregam todos os dias do exterior, para satisfazer a necessidade de metodologias diversificadas que aliadas às suas competências técnicas facilitam o desenvolvimento dos conteúdos da sua área de formação. Mas os professores precisam de levar também, todos os dias, o equilíbrio emocional, os sorrisos, a serenidade, a capacidade que se aprende e se desenvolve lá, de gerir conflitos e *“saber trabalhar as contradições até à exaustão”* (Português, 2001). A equipa de professores que tenho a sorte de coordenar, é excelente. É assim, como deve ser. Todos são empenhados em levar isso tudo que referi e que faz tanta falta lá dentro. Quase todos estão lá porque aceitaram o desafio, conscientes da dificuldade, dos riscos, e do inesperado que pode acontecer a cada momento. Todos se esforçam por ultrapassar as suas funções e ir ao encontro de cada recluso para o ajudar mais e melhor a ser feliz. Entre nós, professores do Estabelecimento Prisional de Aveiro há cumplicidade, amizade, contacto constante através das várias formas possíveis, não apenas para articularmos os conteúdos a desenvolver nos vários **cursos EFA** que lecionamos, mas também para nos apoiarmos e em conjunto desenvolvermos estratégias para o sucesso pessoal de cada recluso que integra os nossos cursos. As nossas conversas são sempre sobre a prisão. Queremos ser melhores professores. Participamos em debates, conferências, lemos livros, artigos... Conversamos com o pessoal de vigilância e com as equipas técnicas de educação e reinserção. Perguntamos, contamos as nossas angústias e partilhamos as nossas vivências. E no fim de cada dia penso que cada um de nós, tal como eu, se interroga pelo facto de estar “cá fora” e não fazer parte dos que têm de ficar lá dentro. Eu, católica de formação, dou graças a Deus todos os dias, porque me fez nascer numa família com valores e me foi dando, ao longo da vida, capacidade de entendimento e coragem para escolher caminhos seguros. Podia ter nascido sem pais, sem amigos, sem capacidades. Ou pais que não soubessem cuidar de mim. Ou que soubessem e não fossem capazes pelas mais variadas razões. Podia ter tido na minha vida alguns momentos trágicos de desespero que me tivessem levado a cometer atos criminosos. Podia ter sido ou acontecido tanta coisa que

me teria levado ao outro lado das paredes grossas de um qualquer estabelecimento prisional.

O Estabelecimento Prisional de Aveiro é uma prisão de “passagem”. A grande maioria dos reclusos está em prisão preventiva, sem saber o que lhe vai acontecer. A ansiedade é característica comum de todos. Uma ansiedade crescente á medida que se aproximam os julgamentos e que pode ser diminuída nas aulas, porque o ambiente que se vive é sempre de mais serenidade, mais união e confiança. Os reclusos que procuram a escola, são pessoas com histórias de vida diferentes, percursos escolares também diferentes mas quase todos marcados por experiências negativas. Nem sempre estão motivados para ir á escola, quase sempre, pelas mais variadas razões não tiveram experiencias positivas no passado. Ou nunca foram, porque a vida foi demasiado cruel e o tempo da infância foi ocupado na tentativa de ganhar algum dinheiro para ajudar a família, ou nunca ninguém os motivou suficientemente, ou as suas dificuldades nunca foram preocupação de ninguém e por isso o tempo na escola foi ocupado a assistir aos sucessos de outros e a sentimentos de incapacidade e anulação da autoestima. Agora, durante o tempo de reclusão e por decisão própria ou por sugestão de técnicos de reintegração ou ainda motivados por alguns colegas da cela, querem tentar uma última experiência escolar. E vêm sempre ter connosco com alguma expetativa, mais ou menos ambiciosa: uns apenas esperam que a inscrição na escola possa favorecer uma saída antecipada (talvez o juiz acredite que estão a fazer um esforço pela sua própria reintegração); outros querem mais que isso: aprender a ler e a escrever, a possibilidade de obtenção de habilitações suficientes para aquisição da carta de condução, “passar o tempo mais rápido”; acabar um nível escolar que começaram há muitos anos sem sucesso - “a quarta” ... o sexto .... o nono ... o décimo segundo. Alguns ainda esperam ocupar o tempo de reclusão de forma útil e menos pesada. Dizem esses: “Pelo menos na escola as conversas são outras e aprende-se alguma coisa. Os professores são simpáticos, às vezes fazem festas e trazem coisas boas para nós comermos. E sempre são pessoas que se nota que nos querem ajudar. Podemos conversar com eles, dão-nos bons conselhos e não nos julgam pelo crime que cometemos.” Querem começar uma vida nova quando vierem para a rua. Querem ter mais formação (escolar e humana), mais conhecimentos, mais facilidade em conviver com os outros. Querem aprender a respeitar, a cumprir regras. Querem ter um trabalho honesto e deixar os caminhos fáceis que os



levaram à cadeia. Querem até continuar a estudar “lá fora”. O que custa é começar e a cadeia é muitas vezes encarada como um “começo” de vida nova.

E nós, professores o que fazemos, como fazemos? Muito mais que ajudar a adquirir conhecimentos escolares. Queremos e devemos ser para cada um, a resposta que procuram. A ajuda eficaz para que consigam mesmo “mudar de vida”. Conscientes de que não conseguimos melhorar a vida de todos os nossos formandos, nem proporcionar a todos as aprendizagens que desejaríamos, temos a certeza que o nosso papel não é inútil. Assistimos à mudança. Sentimos o reconhecimento e a alegria do crescimento em valor humano. A cada dia vamos sentindo que nos envolvemos com os dramas individuais e a problemática da reclusão. Impõe-se a questão: Está certo? Serve para alguma coisa a reclusão? Será verdade o que tantos dizem: que a prisão é uma forma de formar ainda mais e maiores criminosos? Privar as pessoas de dias ou anos de vida será positivo? Condenar pessoas que não tiveram oportunidade de perceber que há regras sociais que devem ser respeitadas, é correto? Não temos resposta para estas questões. É muito complicado mesmo. Eu pessoalmente acredito que para uma sociedade sem prisões, era necessário que muita coisa mudasse cá fora. Que o investimento em educação fosse muito maior, que os apoios sociais nunca falhassem. Que a sociedade fosse muito mais solidária e responsável. Mas, porque as cadeias existem é preciso que não sirvam só para castigar, aumentar a revolta e promover o crime. O tempo de reclusão, as prisões podem servir para reintegrar. Para ajudar a refletir, para formar consciências, para adquirir regras básicas de convivência e respeito pelos outros. E podem também servir, e servem, para reabilitar tanta gente que não tem nada nem ninguém na rua. Gente que nunca teve e nunca viu e, lá dentro, no interior daquelas paredes grossas e sombrias, por detrás daquelas grades que não deixam que as janelas se abram para deixar entrar o sol nem ver a rua, encontra segurança, cama, comida, higiene e, sobretudo, gente que quer ajudar a contrariar a solidão da vida.

E nós, os professores, estamos lá e queremos fazer a diferença!

### **O que nos dizem os nossos formandos**

A força que nos faz continuar está também nos testemunhos que recebemos dos nossos formandos que dizem:

... a Escola dentro dos Estabelecimentos Prisionais ajuda-nos imenso, pois conseguimos abstrair-nos dos nossos problemas, conseguimos ocupar a nossa cabeça com algo construtivo, conseguimos adquirir novos conhecimentos e também nos permite recordar alguns que já estão esquecidos. Aqui dentro da prisão existem muito poucas atividades e a escola é também uma forma de ocuparmos o tempo. Enquanto estamos presos podemos aproveitar para enriquecer os nossos conhecimentos e aprender coisas novas.

A Escola para mim está a ser a oportunidade de aprender a ler e a escrever. E também me ajuda a passar o tempo de forma agradável com os professores e os colegas.

A Escola permite-me obter conhecimentos que não consegui quando era mais novo por não ter tido oportunidade. Se conseguir terminar a escolaridade vou ter mais facilidade quando precisar de arranjar um emprego.

Inscribi-me na Escola para concluir o ensino secundário porque precisava e se pudesse concluir aqui, ajudar-me-ia quando saísse para poder arranjar um emprego sem problemas de qualificação ou habilitações literárias mínimas. Tenho adquirido muito mais conhecimentos do que tinha antes. Se conseguir concluir o 12º ano vou sair muito mais descansado e sem preocupações com a minha escolaridade.

A Escola é uma ajuda para ocupar o tempo muito difícil de passar. Também é a oportunidade que nunca tive de aprender e saber como me expressar, lidar com pessoas, trabalhar em grupo, respeitar os outros e participar na sociedade. Sei que vir á Escola me vai facilitar a integração no meio de trabalho.

A Escola permite-me ter mais cultura e sabedoria em várias matérias, fazer amizades, conviver com pessoas. O tempo passa rápido e não andamos tão nervosos nem criamos conflitos com ninguém.

Partindo do princípio que devemos viver um dia de cada vez, devemos aproveitar o tempo que temos que cá estar para nos prepararmos para a nossa futura saída para um

novo começo de vida em sociedade. O tempo que aqui passamos na sala de aula ajuda-nos muito na preparação que muito nos fará crescer como cidadãos.

Não vim para a Escola por causa do relatório de comportamento e assiduidade, mas sim para tirar o 12º ano, porque me faz falta e lá fora nunca tive oportunidade. Andava na pesca do bacalhau e o tempo não dava para estudar. Preciso de aprender. Nunca gostei da escola. Só queria jogar à bola. Mas sei que quando um dia sair vai ser bom ter mais habilitações para arranjar trabalho. Aqui, na escola, aprendo, distraio-me, aprendo coisas novas que nunca tinha ouvido falar. Estou sempre a aprender. Sinto que os professores me entendem e gostam de mim.

A Escola é muito importante para mim. Ajuda a passar o tempo, a aprender sempre mais, conhecer melhor as pessoas e ter contacto com o exterior.

Ter Escola na prisão é bom para concluir a escolaridade, aprender a viver em união, manter o contacto com o exterior, esquecer pensamentos negativos ...

Gosto de vir á Escola. Quando era miúdo não gostava da escola e faltava. Não aprendi nada. Agora percebi que preciso de aprender muitas coisas e de ter escolaridade para poder ter um trabalho honesto. Não gostava que os meus filhos fizessem como eu. Quero sair daqui com condições para ter uma vida honesta, um trabalho e ser mais feliz.

A frequência do ensino secundário está a ajudar-me muito na socialização com os outros, a relembrar-me do que já estava esquecido e aprender coisas novas. Creio que depois de tantas tentativas no exterior, vai ser aqui, no Estabelecimento Prisional que vou conseguir finalizar o 12º ano que é uma mais-valia a nível pessoal e profissional.

Aprendi tecnologias. Já sei como funcionam os computadores.

## As nossas atividades em imagens

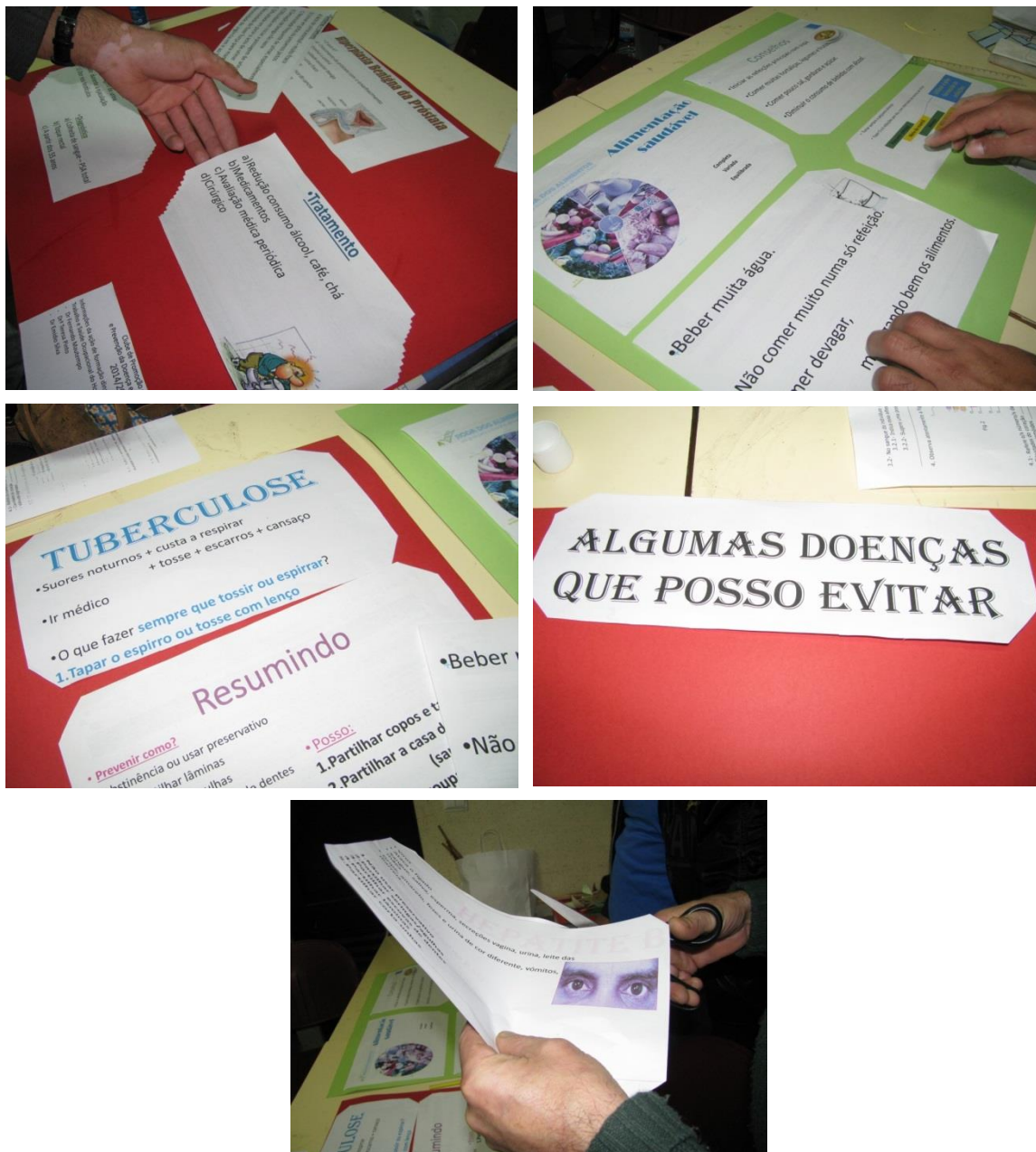


As nossas paredes grossas e as janelas com grades de ferro.

Médicos do Serviço de Medicina do Trabalho e Saúde Ocupacional do Hospital Infante D Pedro que colaboram com o nosso “Clube de Promoção da Saúde e Prevenção da Doença em Meio Prisional” integrado nas atividades de enriquecimento proporcionadas pela Escola.



Depois das sessões informativas, trabalhamos as conclusões e fazemos a divulgação à comunidade:

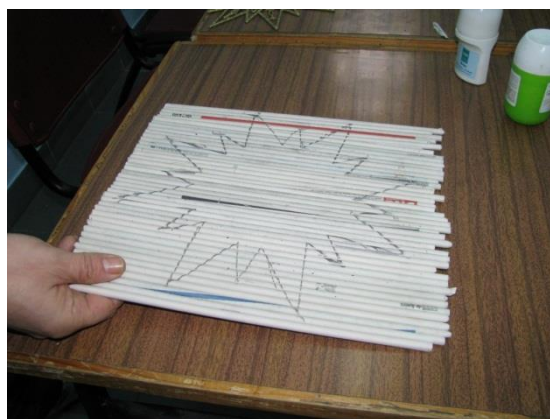


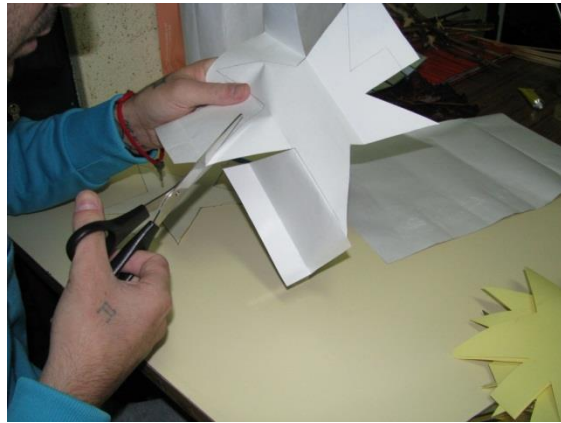
Às vezes os professores levam “coisas boas”. Desta vez, porque era inverno, castanhas assadas e chá.





Trabalhamos em equipa para comemorar acontecimentos e espalhar ambiente de festa em todos os espaços do estabelecimento prisional: Nestas fotos, preparávamos as decorações de Natal.







## Planificar uma aula com ação estratégica e diferenciadora para o Curso Profissional Técnico de Turismo Ambiental e Rural



José Luís Gonçalves Serafim<sup>6</sup>

*A realidade dolorosa da Pedagogia, assim  
como da Medicina e outros ramos do conhecimento  
que abrigam ao mesmo tempo em si arte e ciência,  
é o facto de os melhores métodos também serem os  
mais difíceis.*

Piaget, 1969

Neste testemunho pretende-se apresentar um guião e fazer uma breve reflexão sobre uma planificação de aula, como ação estratégica de ensinar e avaliar formativamente, no ensino profissional, apresentando um estudo de caso da disciplina de Português, do 1º ano do Curso Profissional Técnico de Turismo Ambiental e Rural, módulo 4, sobre Textos Narrativos/ Descritivos (Conto de Autor), que foi trabalhada na Oficina de Formação do Ensino Profissional, no âmbito do protocolo celebrado com o SAME | Católica Porto.

### Plano de Aula

**ESCOLA:** ESCOLA PROFISSIONAL AGRÍCOLA CONDE DE S. BENTO - SANTO TIRSO

**PROFESSOR:** JOSÉ LUÍS GONÇALVES SERAFIM

**TURMA:** 1º ANO / **TURMA:** D / **CURSO:** TÉCNICO DE TURISMO AMBIENTAL E RURAL

**DISCIPLINA:** PORTUGUÊS

---

<sup>6</sup> Professor na Escola Agrícola Conde de S. Bento



## **MÓDULO 4 – TEXTOS NARRATIVOS / DESCRITIVOS**

**LIÇÃO: Nº 17 E 18 (DE UM TOTAL DE 36)**

**DURAÇÃO: 90 MINUTOS**

**DATA: 09.01.2015**

### **1. PERFIL DE SAÍDA**

O Técnico de Turismo é o profissional qualificado de nível IV que executa serviços de informação, animação e organização de eventos em empresas de turismo, de reservas em agências de viagens e de receção e acolhimento em unidades turísticas.

### **2. SITUAÇÃO / CONTEXTUALIZAÇÃO**

#### **2.1. SITUAÇÃO - GRUPO TURMA**

A turma é composta por dezoito alunos, nove do sexo masculino e nove do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 14 e os 23 anos, tendo 10 alunos ficado retidos uma ou duas vezes em anos anteriores. A turma é bastante heterogénea pois integra alunos com um bom ritmo de aprendizagem e de trabalho e alunos que revelam mais dificuldades, nomeadamente ao nível do domínio da estrutura da língua. Globalmente, são alunos interessados e empenhados com quem se mantém uma boa relação interpessoal. No que diz respeito ao comportamento, em termos gerais, estes alunos não são conflituosos, exceptuando-se dois alunos que, recorrentemente, revelam alguns problemas na sua relação com os outros elementos da turma.

#### **2.2. CONTEXTUALIZAÇÃO**

##### **2.2.1. TEXTOS NARRATIVOS / DESCRITIVOS (CONTO DE AUTOR)**

Como enuncia o programa ministerial, um dos propósitos do programa do 10º ano é permitir «ao aluno constituir uma cultura literária pelo convívio com obras (...) do seu universo referencial». A leitura do texto literário pressupõe informação contextual, cultural e, de uma forma simples, de alguma terminologia literária que permita cabal entendimento do texto. No que aos textos literários diz respeito, o Módulo 4 estipula que se estudem «Textos Narrativos / Descritivos», nomeadamente, contos e novelas de autores do século XX.

## **2.2.2. CONTEXTUALIZAÇÃO DA AULA**

As aulas anteriores tiveram como propósito fundamental explicar a natureza e as especificidades do texto narrativo. Tendo como base vários contos, procedeu-se ao estudo das categorias da narrativa que os constituem. Esta aula dá seguimento ao estudo do conto “Fronteira” de Miguel Torga e serve para consolidar os conhecimentos adquiridos nas duas aulas anteriores.

## **3. CONTEÚDOS**

### **Textos narrativos e descritivos**

Conto de um autor do séc. XX - “Fronteira” de Miguel Torga (1907-1995)

(modo/género; organização do texto; ordenação da narrativa; construção dos sentidos)

### **Reconto**

Manutenção da informação principal

Sequencialização (observância do esquema da narrativa)

### **Leitura**

Pré-leitura: ativação de conhecimentos sobre o tópico e o género/tipo de texto e antecipação de sentidos a partir de indícios vários

Leitura: construção dos sentidos do texto

Pós-leitura: organização da informação e reinvestimento dos conhecimentos adquiridos

### **Documentário**

### **Funcionamento da língua**

Texto (continuidade; progressão, coesão; coerência)

Morfologia e classes de palavras

Sintaxe: estruturas das combinações livres de palavras; funções sintáticas; ordem de palavras; figuras de sintaxe



Relações entre palavras – relações semânticas (antonímia, sinonímia, hiperonímia, hiponímia)

Estruturas lexicais (campos lexical e semântico)

Adequação discursiva (oral e escrito; registos formal e informal; formas de tratamento)

#### **4. OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM**

No final da aula, o aluno deve ser capaz de:

##### **Ao nível do Domínio Cognitivo e Procedimental**

###### **Compreensão/Expressão Oral**

Interpretar um enunciado oral

###### **Leitura**

Apreender o sentido de um texto narrativo

Saber identificar a natureza e a especificidade de um texto narrativo

###### **Escrita**

Aplicar regras de condensação linguística

###### **Conhecimento explícito da língua**

Refletir sobre o funcionamento da língua

##### **Ao nível do Domínio das Atitudes e Valores**

Ser pontual

Demonstrar interesse e participação nas atividades propostas.

Cumprir regras e respeitar a relação interpessoal com os outros.

Ser responsável

Demonstrar autonomia

#### **5. ESTRATÉGIAS DE ENSINO / tempos**

##### **1º Momento - (5min)**

A aula iniciar-se-á com a indicação dos conteúdos que quero fazer aprender aos alunos, dos objetivos de aprendizagem a atingir e com a enunciação dos critérios de avaliação e descritores do nível de desempenho, para que cada aluno possa saber como evidenciar as aprendizagens e saber fazer a autoavaliação.

## **2º Momento - (18 min)**

De seguida, far-se-á a correção do trabalho de casa, sendo solicitado a um aluno que leia o resumo do conto. Os restantes serão chamados a pronunciar-se criticamente sobre o desempenho do colega, nomeadamente, no que diz respeito às regras que devem orientar a elaboração de um resumo de um texto literário. Este resumo servirá para se contextualizar o extrato que será objeto de estudo na presente aula.

## **3º Momento - (7 min)**

Seguidamente e como motivação para o estudo do excerto, os alunos verão um documentário sobre o tema “O contrabando”.

## **4º Momento - (5 min)**

Depois, individualmente, os alunos preencherão um guião de leitura.

## **5º Momento - (15 min)**

De seguida far-se-á a exploração do documentário visualizado, através de perguntas direcionadas, estabelecendo-se a relação entre o tema do documentário e o conto “Fronteira” de Miguel Torga e proceder-se-á à correção do referido guião.

## **6º Momento - (20 min)**

Após esta contextualização, passar-se-á de seguida ao estudo do extrato do conto, através da leitura, e interpretação do mesmo, através do diálogo com os alunos e da elaboração de uma ficha de trabalho exploratória em trabalho de pares e respetiva correção.

## **7º Momento - (15 min)**

Como consolidação dos conhecimentos adquiridos pelos alunos ao longo destas duas aulas, realizar-se-á a ficha de trabalho sobre as categorias da narrativa, presentes no conto “Fronteira”, sob a forma de afirmações Verdadeiras/Falsas. O professor recolherá as fichas de trabalho realizadas e fará a distribuição aleatória das mesmas pelos elementos da turma. Após esta distribuição, o professor fará a correção da ficha e os alunos farão a

avaliação da ficha do colega que lhe tocou. Procurar-se-á, deste modo, a aferir os conhecimentos adquiridos pelos alunos (ao longo do módulo) e fomentar o sentido de responsabilidade em cada um dos alunos.

### **8º Momento - (5 min)**

Finalmente e como é hábito em todas as aulas, os alunos preencherão uma grelha de autoavaliação, com vista a uma autorreflexão sobre a sua postura na aula (pontualidade, interesse, participação, comportamento, responsabilidade e autonomia) e sobre os conhecimentos e competências adquiridas (compreensão e expressão oral, escrita, oralidade e funcionamento da língua)

## **6. ATIVIDADES DE APRENDIZAGEM / tempos**

Registo, no caderno diário, dos objetivos de aprendizagem e interiorização dos critérios de avaliação (5 min).

Correção do trabalho de casa: leitura do resumo do conto (reconto) (18 min).

Visualização do Documentário “Contrabando” (7 min).

Preenchimento de um guião de exploração do documentário (5 min).

Correção do guião de leitura (15 min).

Leitura do extrato do conto “Fronteira”, presente na página 196, do manual do aluno (5 min).

Realização da ficha de trabalho exploratória (15 min).

Realização de ficha de trabalho, sobre as categorias da narrativa, presentes no conto “Fronteira” (8 min).

Correção da ficha de trabalho/ aferição dos conhecimentos adquiridos pelos alunos (7 min).

Autoavaliação das aprendizagens – preenchimento da grelha de avaliação formativa (5 min)

## **7. RECURSOS**

Caderno diário; Manual de Português; Documentário “Contrabando”; Guião de Leitura; Fichas de trabalho (exploratória; categorias de narrativa); Grelha de avaliação formativa

Quadro; Computador; Projetor multimédia; Colunas de som.

## 7. AVALIAÇÃO FORMATIVA DAS APRENDIZAGENS

Durante a aula o professor dará o apoio constante e o *feedback* imediato para que todos os alunos possam ultrapassar as dificuldades na realização das diferentes tarefas. Durante a realização das tarefas os alunos serão envolvidos na heteroavaliação das tarefas e desempenhos dos colegas. No final, cada aluno fará a sua autoavaliação para verificar se atingiu os objetivos propostos e o grau de consecução das aprendizagens, de acordo com os critérios enunciados, usando a escala e os descritores de nível de desempenho, da grelha anexa. O professor fará a heteroavaliação.

### GRELHA DE AVALIAÇÃO

[illegible]

| DESCRITORES E NÍVEIS DE DESEMPENHO DOS ALUNOS |   |   |
|---|---|---|
| NÍVEIS DE DESEMPENHO                          | DESCRITORES   |   |
|   | DOMÍNIO COGNITIVO E PROCEDIMENTAL   | DOMÍNIO DAS ATITUDES E DOS VALORES  |
| <b>INSUFICIENTE</b><br>(0-9 valores)          | Não aplica as regras de condensação linguística<br>Revela dificuldades de interpretação de um enunciado oral<br>Revela dificuldades na apreensão do sentido de um texto narrativo<br>Não compreende a natureza e a especificidade de um texto narrativo<br>Revela dificuldades ao nível do funcionamento da língua  | Não é pontual<br>Empenha-se pouco nas tarefas/actividades propostas.<br>Necessita com alguma frequência de chamadas de atenção pelo comportamento.<br>Evidencia irresponsabilidade e não é autónomo   |
| <b>SUFICIENTE</b><br>(10-13 valores)          | Aplica as regras de condensação linguística<br>Interpreta um enunciado oral<br>Apreende o sentido de um texto narrativo<br>Compreende a natureza e a especificidade de um texto narrativo<br>Domínio os conteúdos respeitantes ao nível do funcionamento da língua.   | Raramente chega atrasado.<br>Demonstra interesse e participa nas actividades propostas.<br>Raramente necessita de chamadas de atenção pelo comportamento e respeita as diferentes opiniões dos colegas e do professor.<br>Realiza os trabalhos definidos, embora com pouca autonomia. |
| <b>BOM</b><br>(14-17 valores)                 | Aplica com facilidade as regras de condensação linguística<br>Interpreta convenientemente um enunciado oral<br>Apreende com facilidade o sentido de um texto narrativo<br>Compreende com facilidade a natureza e a especificidade de um texto narrativo<br>Domina facilmente os conteúdos respeitantes ao nível do funcionamento da língua.                       | É pontual.<br>Demonstra bastante interesse e participa nas actividades propostas de forma correcta<br>Demonstra sempre respeito e espírito de colaboração com o professor e colegas.<br>Realiza os trabalhos definidos, com autonomia.  |
| <b>MUITO BOM</b><br>(18-20 valores)           | Domina completamente as regras de condensação linguística<br>Interpreta convenientemente e com muita facilidade um enunciado oral<br>Apreende com perfeição o sentido de um texto narrativo<br>Compreende na perfeição a natureza e a especificidade de um texto narrativo<br>Domina completamente os conteúdos respeitantes ao nível do funcionamento da língua. | É pontual.<br>Demonstra muito interesse e participa activamente na aula e de forma exemplar.<br>Manifesta atitudes de respeito, tolerância e solidariedade, emitindo opiniões em tempo oportuno.<br>É autónomo na realização dos trabalhos e revela iniciativa.                       |

### Desenvolvimento Curricular Concretizado

Este plano de aula teve como linha orientadora a noção de ensino diferenciado e a percepção de que as práticas pedagógicas devem ter em conta que “os alunos são diferentes pela sua origem, aquisições anteriores, projetos, características, interesses e qualidades pessoais mutáveis e por isso se diz que cada aluno possui um ritmo próprio de aprendizagem” (EIPPPPII, 1995, p.44).

Tomando como base a reflexão feita por Tomlinson (2008, p. 7), cada vez mais se torna premente a necessidade de um ensino diferenciado, “já não é possível olhar para uma turma e fingir que os alunos são, essencialmente, parecidos”. A diferenciação é a resposta educativa para as diferentes necessidades dos alunos e compreende várias abordagens: diferenciação de conteúdos, diferenciação de processos e diferenciação de produtos.

Neste plano de aula assumiu maior relevo a diferenciação pedagógica ao nível dos processos, uma vez que se procurou oferecer aos alunos a oportunidade de processarem

conteúdos através de “atividades de compreensão” que se revelaram eficazes. Seja pela diversidade de atividades desenvolvidas, pelas várias formas de apoio prestado e pela definição clara dos conteúdos que os alunos precisavam de saber.

Não se trata de um ensino individualizado como foi preconizado na década de setenta do século passado - embora este tenha tido o mérito de perceber que os alunos tinham diferentes ritmos de aprendizagem e, conseqüentemente, era necessário ir de encontro ao ponto onde se encontravam e ajudá-los a partir daí - mas o recurso à formação flexível de grupos que acomoda alunos que são fortes em algumas áreas e menos fortes.

Para que esta gestão do grupo-turma se faça com eficiência é necessário o conhecimento cabal de todos os alunos. Esta é uma mais-valia da Escola Profissional Agrícola Conde de S. Bento, pois o facto de ser uma escola de pequena dimensão proporciona a criação de um ambiente acolhedor onde todos os elementos da comunidade educativa se conhecem. Este facto e a realização de testes de diagnóstico possibilitam, em pouco tempo, um conhecimento de todos os alunos e do nível em que os mesmos se encontram em termos de domínio dos conteúdos.

Foi com base neste conhecimento que foi concebido o plano de aula. Tratando-se de uma turma cujos alunos apresentam níveis diferentes de aprendizagem, optou-se por recorrer a estratégias diferenciadas: visionamento de um documentário sobre o tema “O Contrabando”, exercícios de escuta ativa, preenchimento de um guião de leitura, leitura e interpretação de texto, realização de fichas de trabalho e exercícios de condensação textual.

Na realização das atividades propostas foram dadas instruções claras e precisas, de modo que os alunos estivessem elucidados acerca do trabalho a realizar e foram proporcionados diferentes tipos de interações: trabalho individual, trabalho de pares e espaços de discussão.

Promoveu-se o trabalho de entreaajuda, como forma facilitadora da aprendizagem e os alunos foram apoiados na realização das atividades, principalmente os alunos/grupos que revelavam mais dificuldades, reforçando-se positivamente o seu trabalho, exigindo-lhes que melhorem a sua competência e que tenham consciência de que necessitam de realizar um esforço acrescido para terem sucesso. Tratando-se de uma turma heterogénea em termos de participação oral, houve a preocupação de providenciar desafios adequados



a todos, solicitando a participação de todos os alunos da turma, para que todos estivessem envolvidos na construção do conhecimento.

Um aspeto fundamental na construção do conhecimento é a avaliação. Ela 'deve ser parte integrante do processo de ensino aprendizagem. No entanto, "a avaliação e o registo não constituem um objetivo em si - são instrumentos ao serviço do professor e dos alunos para a promoção e gestão da qualidade dos processos educativos com o objetivo de promover, tanto quanto possível, o sucesso para todos" (Morgado, 2004, p.86). Portanto, mais do que a avaliação classificativa, interessa destacar a avaliação formativa. Serve esta para recolher evidências de aprendizagem dos alunos e verificar se as estratégias utilizadas foram as adequadas (Ferreira, 2007). No entanto a avaliação também deve ser formadora, ou seja, o aluno deve ter o *feedback* imediato da sua aprendizagem e, se for caso disso, deve ter a possibilidade de reformular os seus trabalhos com indicações do professor. Nesta linha, foram criados, ao longo da aula, momentos de avaliação, sendo dado aos alunos o *feedback* imediato da sua aprendizagem, nomeadamente pela correção do guião de leitura e pela correção, feita pelos pares, de uma ficha de trabalho, com a supervisão do professor.

Por fim cabe uma última nota sobre os conteúdos lecionados, uma vez que é recorrente os alunos manifestarem maior interesse pelas disciplinas que integram a componente técnica, ouvindo-se, mesmo, críticas ao facto de se lecionar o texto literário.

Avaliando o modo como decorreu a aula e o interesse manifestado pelos alunos, pode-se afirmar que estas ideias não correspondem à verdade. É possível com uma planificação cuidadosa e adequada levar os alunos a interessarem-se pelo estudo do texto literário e a apreciarem a beleza que ele pode oferecer. É com estes textos que se projeta ao máximo a multifuncionalidade da língua, conciliando o prazer da leitura e o desenvolvimento da compreensão/expressão escrita. Esta é uma tarefa árdua, mas Piaget já nos havia alertado para a dolorosa realidade de os melhores métodos serem também os mais difíceis.



## Referências Bibliográficas

EQUIPA INTERNACIONAL DE PAÍSES PARTICIPANTES DO PROGRAMA PETRA II, Acção II (1995). *O Professor Aprendiz - criar o futuro*. Porto: DES. Disponível em SAME

<http://www.fep.porto.ucp.pt/same/valorizacao-ensino-profissional> [consultado em 12 de março.2015]

FERREIRA, C. A. (2007). *A avaliação no Quotidiano da sala de aula*. Porto: Porto Editora.

TOMLINSON, C. (2008). *Diferenciação Pedagógica e Diversidade. Ensino de Alunos em Turmas com Diferentes Níveis de Capacidades*. Porto. Porto Editora

MORGADO, J. (2004). *Qualidade na Educação – Um Desafio para os Professores*. Coleção Ensinar e Aprender. Lisboa: Editorial Presença.

## Uma prática de Sucesso na Escola



**Isabel Fidalgo<sup>7</sup>**

Perante o desafio de testemunhar uma boa prática na formação, a comunidade educativa da Escola Profissional de Coruche confrontou-se com inúmeras situações que testam constantemente o papel da escola, do professor e do aluno nos dias de hoje, e que servem para refletir e conduzir a novas atuações no nosso campo escolar.

A questão do abandono escolar é uma destas situações que se tem tornado evidente e crescente na maioria dos países europeus, sendo que Portugal não é exceção. Uma questão desafiadora que levou à elaboração de novas estratégias e metodologias que estimulem a participação dos mais jovens no sistema escolar e profissional e que conduzam à redução do baixo nível educacional das populações.

A abertura em 2006 dos cursos de educação e formação de jovens, de nível 2, nesta escola surgiu como tentativa de reduzir o abandono escolar em idades mais precoces e de motivar os jovens em risco para um ensino mais flexível e adaptado aos seus interesses. A abertura desta nova oferta veio revelar-se prática recorrente desta escola, sendo que os alunos não só cumpriram a escolaridade obrigatória, como também ingressavam, posteriormente, no ensino profissional. Com o alargamento da escolaridade obrigatória, a antecipação de medidas de combate ao abandono escolar é cada vez mais necessária e fundamental para que os jovens se sintam integrados, motivados e se tornem ambiciosos na delineação do seu percurso escolar e profissional.

Assim, desde o início desta nova oferta com dupla certificação ao nível do 9º ano de escolaridade, que a Escola Profissional de Coruche investe na criação de turmas de cursos de educação e formação de jovens, sendo que, atualmente, após alterações legislativas de adequação e adaptação a novas realidades, se designem Cursos Vocacionais.

---

<sup>7</sup> Diretora Pedagógica da Escola Profissional de Coruche

O corpo docente, com experiência de ensino profissional e de excelente relacionamento com as empresas do concelho e concelhos limítrofes, tem conseguido transformar a visão mais pessimista e negativa que, tem acompanhado muitos destes jovens. Um ensino direcionado, adaptado e flexível aos seus perfis de aprendizagem, às suas necessidades, privilegiando as atividades práticas de integração social em meio escolar, fomentando o espírito de cidadania, responsabilidade e pertença à escola e à Comunidade. Simultaneamente o desenvolvimento de atividades de cariz prático, através da prática simulada, da formação em contexto de trabalho, entre outras, reforça a motivação e as competências profissionais dos nossos jovens, consciencializando-os para a importância da continuação do percurso escolar. Este aspeto evidencia-se no número crescente de alunos que, após a conclusão de um curso Vocacional, prosseguem os seus estudos no ensino profissional, dando assim continuidade às aprendizagens e à aquisição de competências que os empregadores consideram fulcrais num técnico profissional qualificado.

Os nossos alunos são o melhor exemplo de como os cursos CEF/ Vocacionais transformaram a sua perspetiva perante a escola e, conseqüentemente, o seu futuro profissional e pessoal.

“Reprovei duas vezes antes de entrar para o CEF nesta escola, hoje estou a terminar o 12º ano do curso profissional de manutenção industrial e estou muito satisfeito por ter continuado a estudar. Sei que, apesar de existirem poucos empregos, este curso profissional vai dar-me mais hipóteses de emprego” (Cláudio, 12º ano de Manutenção Industrial/Eletromecânica).



“(...)estava desmotivado com a escola, não queria estudar mais (...) vim para o CEF e os professores ensinaram-me a gostar do curso e acabei por inscrever-me no curso profissional de turismo. Este ano já fui estagiar e o meu tutor gostou muito do meu trabalho e até me convidou para fazer formação na empresa durante as férias de verão! Agora sei que foi a melhor decisão que tomei”(João, 11ºano de Turismo).

“Entrei na EPC com três retenções. O CEF foi um trampolim para a área profissional que pretendia seguir. Agora, estou super satisfeito com o curso que frequento e pretendo ir trabalhar nesta área” (Filipe, 11º de Manutenção Industrial/Eletromecânica).

A Escola Profissional de Coruche segue a filosofia de que a prevenção e o combate antecipado geram frutos, capazes de enfrentar as adversidades com empenho, dinamismo e proatividade. Por isso, a continuidade destas ofertas na escola torna-se assim uma mais-valia para os alunos, professores e toda a comunidade. O acompanhamento, a proximidade e o dinamismo das atividades contribuem assim para que os jovens se reconciliem com a escola e redefinam o seu percurso escolar, profissional e pessoal. Acima de tudo, queremos cumprir com o objetivo de formar trabalhadores mais qualificados e que respondam ao desenvolvimento económico, tecnológico e empreendedor que o país precisa.

## O que se ensina ... o que se aprende...



**Maria Antónia Baptista<sup>8</sup>**

Decorria o terceiro período do ano letivo 2013-2014, quando vinte dos professores da escola iniciaram a formação “(Re)Aprender a ensinar e avaliar nos cursos profissionais: o saber em ação”. A necessidade de reaprender a ensinar, num momento em que o ano letivo se aproximava do fim, assentou na constatação de que todos os professores nas suas salas de aula estavam a ensinar ... mas nem todos os alunos estavam a aprender.

Num grupo tão heterogéneo, estava identificado o ponto comum, era urgente Reaprender a ensinar.

Desde logo, pela sua própria designação a oficina de formação “(Re)Aprender a ensinar e avaliar nos cursos profissionais”, Formação Avançada em Ciências de Educação – Ensino Profissional, do SAME|Católica Porto, suscitou muito interesse e curiosidade vendo nela uma excelente oportunidade de aferir e atualizar conhecimentos e desenvolver novas competências, em suma de reaprender para melhor ensinar.

Na sessão número um juntamente com apresentação dos conteúdos e da bibliografia de leitura obrigatória estavam enunciados, cinco grandes objetivos deste seminário:

- ✓ Reconhecer o ponto de partida de cada participante no início da Oficina e o ponto expectável de chegada, no final da Oficina. O que orienta e motiva cada um nesta viagem de educação e formação profissional?
- ✓ Pontos fortes, pontos fracos e propostas de melhoria do projeto educativo formativo da Escola Profissional do Infante.

---

<sup>8</sup> Diretora Pedagógica da Escola Profissional do Infante

- ✓ Levantamento da diversidade de representações, concepções, práticas pedagógicas e avaliativas na aplicação da Estrutura Modular dos cursos profissionais.
- ✓ Construção de novas propostas de ação para dar resposta aos problemas prioritários identificados na prática pedagógica e organizacional.
- ✓ Validação do plano de melhoria a implementar na EP do Infante, durante 2014, que se focalize nas aprendizagens que é preciso promover e garantir a todos os alunos.

Estou atenta e tento manter-me atualizada, mas estando já há tantos anos no ensino profissional e conhecendo bem as especificidades deste ensino e as potencialidades que a flexibilidade do sistema modular permite, foi de alguma forma preocupante para mim verificar que, ainda continuo, na minha prática letiva, agarrada a modelos passados. Graças á metodologia de trabalho usada pela formadora esta constatação foi imediata. Feita a constatação, havia que aproveitar oportunidade para apreender, reaprender, e essencialmente refletir para poder mudar.

Estava assim cumprido o **primeiro objetivo** deste seminário: Reconhecer o ponto de partida de cada participante no início da Oficina e o ponto expectável de chegada, no final da Oficina. O que orienta e motiva cada um nesta viagem de educação e formação profissional?

**Segundo objetivo:** Pontos fortes, pontos fracos e propostas de melhoria do projeto educativo formativo da Escola Profissional do Infante.

Foi para mim um dos trabalhos mais curiosos e surpreendentes, uma vez mais a metodologia de trabalho contribuiu para o valor do resultado, organizados por grupo realizamos uma análise SWOT assente nos dados obtidos, cada grupo de trabalho apresentou um plano de melhoria para a EP Infante, a implementar em 2014, diferentes visões, interpretações, interesses e sentimentos foram identificadas, para cada uma foram apontadas diversas propostas e perspetivas, todas pretendiam melhorar procedimentos e resultados, todas visaram beneficiar toda uma comunidade foi-nos dito que era um plano para validar, para pôr em prática, o que efetivamente se verificou, ficando assim cumprido o segundo objetivo.



**Terceiro objetivo:** Levantamento da diversidade de representações, concepções, práticas pedagógicas e avaliativas na aplicação da Estrutura Modular dos cursos profissionais.

Realizada a recolha de informação, o resultado deste levantamento foi apresentado, pelo grupo de trabalho, na sua forma mais completa, no seminário final e passou a constar em diversos suportes de consulta e de acesso não restrito entre eles na página da escola, cumprindo o terceiro objetivo.

**Quarto objetivo:** Construção de novas propostas de ação para dar resposta aos problemas prioritários identificados na prática pedagógica e organizacional.

Foi certamente o mais trabalhoso, o que gerou mais resistência, o que mais necessitou de orientação, sabíamos como fazer mas reputamos de desnecessário e de perda de tempo, tudo estava bem claro no nosso esquema mental, a planificação de aula contemplando ações estratégicas e diferenciadoras, instrumentos, modalidades e técnicas de avaliação formativa, critérios de avaliação e critérios de ponderação, descritores de nível de desempenho. A planificação de um projeto curricular integrador articulando e envolvendo as várias disciplinas das diferentes componentes. A construção do portefólio de evidências de aprendizagem.

Resistimos e afinal precisávamos tanto de reaprender tudo isso, fazemos bem, concluímos que é possível fazer melhor, que estamos obrigados a cumprir o nosso papel de professores o de «fazer aprender». Elaboramos o plano de aula considerando a diferenciação estratégica, identificando instrumentos, modalidades e técnicas de avaliação. Planificamos o projeto curricular integrador articulando e envolvendo disciplinas de diferentes componentes, monitorizamos a sua aplicação e avaliamos o resultado. Construimos portefólios e descobrimos as suas potencialidades como instrumento de evidências de aprendizagem. Fizemos trabalho colaborativo e foi importante, discutimos, discordamos, precisamos de tempo, refletimos juntos e sozinhos voltamos a refletir e cada dia que passa temos mais a certeza do valor do que reaprendemos, ficou cumprido o quarto objetivo

**Quinto objetivo:** Validação do plano de melhoria a implementar na EP do Infante, durante 2014, que se focalize nas aprendizagens que é preciso promover e garantir a todos os alunos.

Com o início do novo ano letivo 2014-2015, o plano de melhoria, fruto da análise dos diversos grupos e contemplando todos os contributos entrou em vigor, respeitando todas as alterações ajustes ou melhoramentos propostos, a sua consecução seria avaliada de uma forma muito positiva, no seminário final.

Seminário final onde foi feita a análise, ponto por ponto, do plano de melhoria, que nessa fase já se encontrava aplicado, todos podemos verificar o claro contributo na melhoria de alguns dos aspetos identificados como frágeis. Este plano beneficiou do reconhecimento da direção, que concordando com a sua pertinência viabilizou as condições para a sua implementação quase imediata. Ficou assim garantido o cumprimento do quinto e último objetivo.

Reconhecer o ponto de partida no início da Oficina foi tarefa relativamente fácil, ainda que num primeiro momento tivesse resistido a reconhecer, a necessidade de reorientar as minhas práticas pedagógicas, desde logo me senti motivada e com a certeza que esta formação iria fazer a diferença, ia fazer de nós professores diferentes, hoje compreendo que todos os ensinamentos e orientações assim como o trabalho realizado produziram uma grande alteração, obrigaram sobretudo a refletir, o ponto expectável no final da oficina foi largamente ultrapassado. Houve constrangimentos, falta de tempo, alterações de grupo, dificuldade de encontrar tempo comum, mobilizar para colaborar, tudo foi ultrapassado.

Agradeço à nossa formadora, que com tão grande mestria nos facilitou a identificação das nossas fragilidades, dos nossos pontos fortes e de forma tão certa nos fez reaprender. A oficina de formação terminou, coincidindo com o final do primeiro período letivo iniciamos o segundo período e todos os dias o reflexo dessa formação se faz sentir.

### **Testemunhos de alguns participantes desta Oficina**

*“A principal experiência que retiro da oficina de formação **“(Re)Aprender a ensinar e avaliar nos cursos profissionais: o saber em ação”**, é que o trabalho em rede e colaborativo é fundamental para o sucesso do ensino diferenciado, onde todos os/as alunos/as têm as mesmas oportunidades.*

A partilha de saberes e experiências foi bastante enriquecedor, tendo contribuído para uma nova (re)aprendizagem na forma de ensinar e avaliar. Obrigada a todos/as aqueles/as contribuíram para o meu enriquecimento pessoal e profissional!”

Angelina Ferreira Lopes

Formadora da disciplina de Relações Públicas

“Para mim, enquanto profissional da Comunicação e Marketing durante quase três décadas, com sede de aprimorar técnicas que me permitam “fazer aprender” em vez de só “ensinar”, esta Oficina de Formação foi muito importante, marcante até, na minha carreira como formadora. Deu-me ferramentas de trabalho para desenvolver melhor a minha atividade, para continuar a busca pela excelência no ensino e, sobretudo para ajudar jovens a encontrarem caminhos para a sua realização pessoal e profissional. Esta formação permitiu-me parar para quebrar rotinas, discutir pareceres e propósitos para construir um novo modelo de ensinar, fazendo aprender aqueles que confiam na EPI, como uma instituição que forma profissionais seguros de si.”

Cármen Rocha

Assessora do Curso Técnico de Comunicação, Marketing, Relações Públicas Publicidade

Formadora da disciplina de Marketing

“A formação atendeu às minhas expetativas, permitindo descobrir novos saberes e competências. Os temas e os conteúdos abordados foram essenciais deixando-me mais confiante e permitindo a utilização de ferramentas mais adequadas à minha prática profissional. De um modo geral contribuiu para o meu crescimento enquanto formadora, com a oportunidade de elaborar trabalhos na área pedagógica e de expressar ideias e conhecimentos técnicos, assim como a interação com os outros colegas de profissão em busca do crescimento profissional, tornando-nos cada vez mais qualificados e multidisciplinares.”

Jani Silva

Assessora do Curso Técnico de Fotografia

Formadora da disciplina de Projeto e Produção de Fotografia e Comunicação Gráfica e Audiovisual





## O desenvolvimento da orientação empreendedora como prática pedagógica



Carla Laranjeira<sup>9</sup>

O Curso de Comunicação – Marketing, Relações Públicas e Publicidade que coordeno na Escola Profissional Magestil encontrou na promoção do empreendedorismo um eixo central das suas atividades. Acreditando que a aquisição de atitudes e saberes necessários à inovação e ao empreendedorismo tem de passar incontornavelmente pela escola acreditamos também que formar técnicos competentes passa por formar cidadãos empreendedores.

A promoção da educação em empreendedorismo pressupõe a consideração de uma cultura de educação que vê o conhecimento numa perspetiva dinâmica, evolutiva, prática (*aprender fazendo*), em permanente reorganização e adequação ao contexto, voltada para o exterior e para a comunidade. Requer a conceção da aprendizagem contextualizada, a única capaz de detetar oportunidades.

O *aprender fazendo* implica que o aluno seja o ator principal da sua própria formação, colocando-o em situações de trabalho práticas e reais com efeitos visíveis dentro da comunidade em que se insere.

Assumindo o empreendedorismo como uma das suas principais áreas de atuação, o trabalho realizado ao longo dos 3 anos do curso pretende constituir-se como uma plataforma de partilha de experiências sobre tendências do nosso tempo, oferecendo formas eficazes a todos os jovens que queiram desenvolver-se profissional e pessoalmente com um papel ativo na sociedade, movidos pela curiosidade capaz de transformar o mundo.

---

<sup>9</sup> Coordenadora do Curso de Comunicação – Marketing, Relações Públicas e Publicidade da Escola Profissional Magestil

O desenvolvimento de Projetos Integrados – projetos extensos de carácter teórico-prático desenvolvidos ao longo de vários meses de cada ano letivo e que abrangem todas as disciplinas da área técnica do curso, faz parte integrante da avaliação

dos alunos nos 3 anos do curso. Pretende-se com estes projetos simular o mais possível contextos reais de trabalho na área de Comunicação, Marketing, Relações Públicas e Publicidade apoiados no desenvolvimento prático de soluções criativas. Passando a fazer parte do seu portefólio, os projetos desenvolvidos ao longo do Curso permitem evidenciar competências fundamentais do técnico de Comunicação.

Inovadores na forma de abordagem, estes projetos preveem uma dinâmica formativa centrada no aluno e no *learning by doing* que visa, por um lado, uma maior proximidade às diversas realidades do mercado de trabalho e, por outro lado, contribuir para o desenvolvimento e enriquecimento do leque de competências técnicas e de trabalho em equipa a adquirir por cada aluno. Projetos desta natureza conduzem também ao estabelecimento de parcerias e protocolos – com outras empresas, com associações ligadas ao setor de atividade e pressupõem uma interação constante com o mercado.

Desafiamos os nossos alunos a aproveitar as oportunidades de desenvolvimento das competências, atitudes e comportamentos que enformam as bases do comportamento empreendedor dos indivíduos (ter iniciativa, ser capaz de arriscar, ser criativo na resolução de problemas, sair da zona de conforto, ser líder, ser otimista e, nalgumas áreas, criar o seu próprio negócio). Recriar situações de aprendizagem contextualizadas é a única forma possível de ajudar os jovens a detetar oportunidades.

Cidadãos proativos, capazes de assumir riscos, responsáveis, criativos, críticos, empreendedores, são focos de mudança e desenvolvimento em qualquer contexto profissional. Encarando a orientação empreendedora como o conjunto dessas competências pessoais que permite aos indivíduos posicionar-se de forma mais competitiva no mercado, a nossa atuação nesta área pretende potenciá-la através do processo empreendedor proporcionado pelas experiências de empreendedorismo em contexto escolar. E muito nos orgulhamos pelo facto de os alunos reconhecerem a importância destas experiências e o impacto que elas têm na sua formação, vendo-as como uma grande experiência de aprendizagem.

Estas práticas pedagógicas de promoção do empreendedorismo vieram a tornar-se, nos últimos anos, uma das mais importantes facetas do meu trabalho como professora. Acredito que a capacidade de empreender aumenta quando há alguém por perto que estimula e incentiva e todos os anos me proponho a desempenhar esse papel. Neste processo também eu aprendo. Os alunos estimulam-me, incentivam-me, desafiam-me. Afinal, ensinar e aprender está interligado e uma coisa não vive sem a outra. Identifico esta abertura dos professores como um dos mais importantes fatores de sucesso destas práticas. Dificilmente se educará para o empreendedorismo se não se for empreendedor. A escola é o lugar especial onde todos aprendemos.



## Processo de ensino e aprendizagem – um desafio também para as famílias

**Maria Leonor Fragoso<sup>10</sup>**

Atravessar a adolescência não é uma tarefa simples, os desafios que se colocam na passagem à vida adulta trazem, muitas vezes, consigo dilemas existenciais e de natureza assustadora para quem até há tão pouco tempo era conhecido por um qualquer diminutivo carinhoso e a quem eram atribuídas tarefas rotineiras e atividades de carácter maioritariamente lúdico e recreativo.

A dado momento, o mundo em redor parece transformar-se e surgem as responsabilidades, as decisões, a autonomia e uma série de pequenos poderes decisórios promotores de maturação e crescimento com os quais cada um tem lidar.

É no culminar desta fase que os alunos chegam ao ensino secundário, numa altura em que ainda não sabem bem quem são ou do que gostam e onde as seguranças e as inseguranças tomam lugar na balança da individualidade e do “Eu” enquanto aluno.

Aqui se verifica um enorme desafio para quem participa do seu processo educativo. Falamos da família e de toda a comunidade escolar, parceiros fundamentais de cada jovem e companheiros de aventuras no mundo do ensino e da aprendizagem.

Aos professores é pedido, hoje em dia, que transmitam competências pessoais, sociais, académicas, afetivas e emocionais, entre tantas outras; aos jovens é pedido que as apreendam e delas se apropriem. Colocam-se em jogo as questões da autonomia e da criatividade, da razão e da emoção e, acima de tudo, vão-se vivendo experiências únicas e irrepetíveis.

Se o desafio colocado a alunos e professores é grande, não é menor aquele que é colocado às famílias que com estes jovens lidam e com quem convivem quotidianamente. É fulcral envolver a família no processo escolar do aluno!

No que às questões da autonomia concerne, forte relevância tem o papel que assume a rede de suporte sentida pelo jovem. Pode ser assustador assumir responsabilidades, mas mais leve se tornará se houver partilha e apoio. Esta rede que

---

<sup>10</sup> Psicóloga Clínica na Escola Profissional de Rio Maior

envolve o jovem em desenvolvimento tem o poder de estimular a reflexividade, permitir a crítica, apoiar na fragilidade e reforçar a auto estima, aumentando a segurança.

A participação na Oficina de Formação “(Re)Aprender a Ensinar e a Avaliar nos Cursos Profissionais: O Saber em Ação” e a reflexão gerada em torno da Diferenciação Pedagógica e do papel de cada um no processo de ensino e aprendizagem reforçou em nós este mesmo sentir. Faz todo o sentido promover e reforçar a relação entre a escola e os demais agentes educativos com vista ao objetivo e finalidade comuns: o investimento nos adultos em que estes jovens se tornarão, adultos mais fortes, mais seguros, melhores profissionais e cada vez mais competentes em todas as áreas da sua vida.

Acreditamos que um adulto confiante, seguro das suas competências e capacidades, sejam elas sócio emocionais ou profissionais, está em melhor condição de responder às exigências que lhe forem sendo apresentadas ao longo do seu percurso de vida.

Mais do que proporcionar aos alunos uma formação profissional de excelência, preocupamo-nos com a globalidade do seu potencial e, neste contexto, não é possível excluir as famílias, antes pelo contrário. Quando o objetivo é o sucesso e a realização impõe-se um trabalho colaborativo e de parceria entre alunos, pais e professores.

Porque todos nós guardamos imensas recordações do nosso percurso escolar e da liberdade e felicidade que se tem enquanto estudante, que se promovam melhores e mais espaços de ligação entre a criança/adolescente que fomos e o adulto que agora somos!

## PAP – um percurso de autonomia na ESCO



Margarida Caldeira<sup>11</sup>

A criação do ensino profissional, em Portugal, no final da década de 80 do séc. XX, segue uma tendência europeia. A Lei de Bases do Sistema Educativo (Lei nº 46/86 de 14 de outubro) abre portas e, em 1989 (Decreto-Lei nº 26/89 de 21 de janeiro), concretiza-se com a criação das escolas profissionais, estabelecimentos de ensino dotados de maior autonomia administrativa, financeira e pedagógica. Estas escolas integram cursos com um modelo de ensino diferente, fundamentado numa estrutura modular, com módulos de duração variável e combináveis entre si. Um modelo flexível que permite integrar alunos com capacidades e níveis de conhecimento diferentes, num processo de progressão ao ritmo de cada um e em contacto com a realidade profissional, em que o professor é o regulador e o aluno é responsável pelas suas aprendizagens. Este modelo pressupõe também que a escola está aberta à comunidade como espaço de aprendizagem.

Os cursos profissionais estão estruturados em três áreas, sociocultural, científica e técnica, sendo que esta última integra a Formação em Contexto de Trabalho (inicialmente designada por Estágio) e desenvolve-se em estreita ligação com o mundo do trabalho. Para além destas três áreas, os cursos profissionais implicam a realização das Provas de Aptidão Profissional, mais conhecidas por PAPs, previstas desde a criação das escolas profissionais (Decreto-Lei nº 26/89 de 21 de janeiro, artº 10º, nº2 e nº3), sendo que “o sistema de avaliação, privilegiando a avaliação formativa, poderá prever uma prova final de aptidão

---

<sup>11</sup> Professora de Português e Apoio à Direção Técnico-Pedagógica na ESCO

profissional”, “a natureza da prova prevista no número anterior bem como a composição do Júri serão regulamentadas por portaria conjunta dos Ministros da Educação e Emprego e Segurança Social.”

Na **ESCO**, escola profissional situada em Torres Vedras fundada em 1992, as PAPs foram desde sempre projetos a que foi conferida grande importância, precisamente por serem aqueles em que os alunos aplicam grande parte do que aprenderam, **escolhem eles próprios os temas dos seus projetos, após realizarem um diagnóstico de necessidades apresentadas pelas empresas/instituições onde realizaram a sua Formação em Contexto de Trabalho (FCT)**, procurando-se que incidam sobre os seus interesses na área profissional em que estão inseridos. O desenvolvimento das PAPs é, de facto, um verdadeiro percurso de autonomia em que cada aluno tem um projeto, cada aluno e projeto seguem um caminho, orientados por um ou mais professores, mas muito ao seu ritmo. Tratando-se, assim, de um projeto feito à medida de e pelo aluno, contraditoriamente a grande dificuldade foi, durante vários anos, que todos os alunos ou a sua grande maioria concluíssem e defendessem a sua PAP. A média de conclusão de PAPs dos primeiros 10 anos da ESCO não chegava aos 50% e, no ano letivo 2008/2009, ficou-se pelos 38%. Era preciso tomar medidas urgentes, analisar o que se fazia e concluir o que era preciso mudar, porque decerto alguma coisa estava a falhar.

Para que se compreenda as alterações subsequentes, há que perceber como funcionam as PAPs na ESCO. Os alunos começam a pensar nos projetos de PAP na parte final do 2º ano do curso, após entrega dos relatórios da FCT, altura em que os coordenadores de curso os começam a fazer refletir sobre o tipo de projeto que gostariam de desenvolver. No início do 3º ano, os alunos estruturam as ideias, tendo que elaborar um documento escrito que representa um esboço da ideia, fundamentação, objetivos e ações a desenvolver para a concretização do projeto (pré-projeto), que é apresentado e defendido perante um júri interno constituído pela diretora técnico-pedagógica, o coordenador de curso e o professor orientador, que entretanto foi definido, regra geral em função do tipo de projeto e também da empatia estabelecida com o aluno. Afinal a relação humana é fundamental no desenvolvimento de um projeto com a complexidade e duração da PAP, que percorre todo um ano letivo. Pode ainda fazer parte do júri o diretor de turma. Após esta fase, alguns alunos apresentam o pré-projeto nas empresas/instituições e só dão seguimento às mesmas se forem aprovadas por estes elementos externos. De seguida,

existem aulas dedicadas ao desenvolvimento da PAP, que se integram em disciplinas e módulos, além do espaço de direção de turma, tantas vezes dedicado, nas turmas de 3º ano, a este trabalho. O diretor de turma e o coordenador de curso são, de facto, as pessoas que acabam por estar afetas a todos os projetos, disponíveis para apoiar todos, sempre que solicitados ou quando se revela necessário, porque alguém está em dificuldades ou parece desmotivado. Até 2009/2010, a estas etapas seguiam-se avaliações intermédias informais e a entrega e defesa da PAP em junho/julho de cada ano letivo. De referir que a pontuação final da PAP era obtida com cotação conjunta de pré-projeto, relatório e defesa de PAP. No entanto, e como foi referido anteriormente, era preciso fazer alterações neste processo, porque os resultados ficavam aquém do pretendido.

Assim, houve um primeiro passo, sem que nos tenhamos apercebido logo, que contribuiu para a mudança - o facto de, na distribuição da carga horária dos professores, deixar de haver quem acumulasse as funções de diretor de turma (DT) com as de coordenador de curso (CC), o que aconteceu diversas vezes até ao ano letivo 2009/2010, o ano da mudança. Com funções distintas e claras, as equipas de trabalho DT/CC começaram a ser mais eficazes e a trabalhar de forma mais articulada. Outra das medidas tomadas foi, no início do ano letivo, a definição de momentos concretos de avaliação intermédia, dois no decorrer do ano letivo, entre o pré-projeto e a defesa final da PAP. Estes momentos além de terem datas estabelecidas em Conselho Pedagógico para cada curso/turma, assumem alguma formalidade, sendo que os alunos têm que apresentar o que fizeram e o que não fizeram e porquê a um júri semelhante ao do pré-projeto, em função de um cronograma feito inicialmente pelo aluno com a supervisão do professor orientador. Uma outra medida foi a revisão do regulamento de PAP, que, na maioria dos cursos, passou a focar-se mais na vertente prática do curso, incluindo simulações que passaram a repartir a pontuação com a vertente teórica da prova. O relatório foi muito mais orientado para a prática, embora continue a incluir o enquadramento teórico do projeto, bem como objetivos, fundamentação, recursos e estratégias de avaliação e controlo dos resultados. Foram ainda criados três dias em maio ou junho (dependendo da data de entrega das PAPs), para que as turmas estejam em sala de informática (que, por vezes, se estende a outros espaços da escola), todo o dia, acompanhadas por coordenador de curso e diretor de turma e com a colaboração dos professores orientadores, a desenvolver os relatórios de PAP que são entregues após esses dias. Esta medida foi tomada, porque se detetou que um

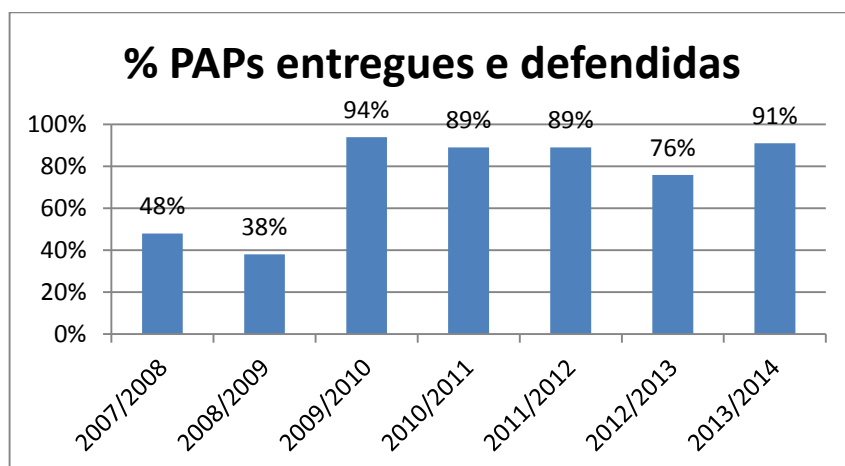
dos grandes obstáculos à conclusão das PAPs era a elaboração do relatório. Uma outra medida que era esporádica, mas passou a ser sistemática é a realização de uma reunião de pais e encarregados de educação, durante o primeiro trimestre do 3º ano de curso, com a presença de coordenador de curso e diretor de turma, além dos alunos que quiserem estar presentes, por forma a explicar aos pais o que é a PAP e solicitar a sua colaboração no processo de desenvolvimento da mesma, ainda que esta se possa resumir a estarem atentos e a perguntarem aos filhos / educandos como vai o trabalho.

Em todo este processo, a classificação da PAP passou a ser um acumulado da nota do pré-projeto, com as avaliações intermédias, simulação, relatório e defesa da PAP. Estas avaliações vão sendo conhecidas pelos alunos ao longo do processo de desenvolvimento da PAP, porque isso responsabiliza-os e autonomiza-os.

Tudo isto implica um maior envolvimento dos alunos e professores, o trabalho é mais contínuo e as dificuldades são detetadas atempadamente, sendo os pais/encarregados de educação muitas vezes excelentes parceiros na motivação e encaminhamento dos alunos. Os próprios alunos, sentindo-se mais apoiados, tornam-se em boa parte mais seguros e motivados, percebendo do que são capazes. É curioso observar, em todo este processo, que, na maioria das turmas, desenvolvem-se laços de cooperação entre alunos, quer em termos de ajuda à pesquisa ou aos contactos externos que é preciso realizar, quer no apoio pessoal e emocional que dão uns aos outros. No que respeita ao envolvimento das equipas de CC/DT, este tornou-se ainda maior e generalizou-se, sendo o sucesso dos alunos encarado como um sucesso pessoal e profissional dos professores que integram estas equipas. Promovendo a autonomia dos alunos, levando-os a fazer e a acreditar que são capazes, obtemos PAPs de vários níveis de qualidade e classificadas de 10 a 20 valores, conforme as capacidades e o empenho de cada um, mas concluem-nas. De ressaltar que quando as equipas se apercebem que as PAPs não estão a corresponder aos objetivos essenciais, há uma intervenção junto do aluno de forma mais intensiva, para que possa melhorar o seu projeto e ter sucesso. É caso para dizer que o processo de realização das PAPs acaba por fazer cumprir os quatro pilares da educação segundo a UNESCO. Com a PAP aprende-se a conhecer, aprende-se a fazer, aprende-se a ser e aprende-se a viver juntos.

De uma taxa de conclusão de PAPs, em 2008/2009, de 38%, passámos, no ano letivo seguinte, para uma taxa de conclusão de 94% e, assim, com os resultados nos anos

subsequentes, cremos ter encontrado o caminho para o sucesso das PAPs, como se pode verificar no gráfico 1.



**Gráfico 1** – Percentagem de PAPs entregues e defendidas.

É verdade que há ainda alunos que não concluem as PAPs, porque continua a haver um ou outro a que não conseguimos chegar, ou alunos com problemas de saúde ou de assiduidade que não permitem que concluem o projeto em tempo útil, mas os resultados são deveras animadores.

No entanto, se resolvemos um problema, temos outros para resolver, como os módulos por concluir, que impedem os alunos de terminarem os cursos com sucesso no final do ciclo de formação. Também nessas taxas de conclusão estamos ainda aquém do desejado. Tentámos já diversas estratégias, melhorámos, mas ainda não é suficiente.

Com esta preocupação, no ano letivo 2014/2015, a ESCO fez uma parceria com a Universidade Católica do Porto, no âmbito do Serviço de Apoio à Melhoria das Escolas (SAME), que se traduziu na Oficina de Formação “(Re)Aprender a ensinar e a avaliar no cursos profissionais: o saber em ação”, orientada pela Professora Doutora Luísa Orvalho. Nesta oficina participam todos os professores internos da escola e esta tem-se apresentado como um desafio. Ao sermos levados de volta à génese do Ensino Profissional, à estrutura modular e aos projetos integrados, mas simultaneamente mergulharmos nas exigências da legislação atual, no meio do trabalho intenso que envolve uma escola profissional, quando vestimos a camisola, o ritmo é quase alucinante. Todavia, queremos mais, queremos o sucesso do maior número de alunos possível. Se parece que encontrámos o caminho certo com as PAPs, queremos encontrar o caminho certo com os



módulos, queremos mais e melhor sucesso dos nossos alunos e, portanto, O módulos por concluir. Todos os alunos são importantes, perder um ou deixá-lo para trás é e será sempre uma derrota, ou não fossem as escolas profissionais “escolas onde os alunos são pessoalmente apoiados (...) escolas que acompanham os seus alunos um a um, cuidando de cada rosto. Acolhem todos e a cada um dá a devida atenção, como instituições educativas.” (Azevedo, 2010:3)<sup>12</sup>

### **Margarida Caldeira**

ESCO – Escola de Serviços e Comércio do Oeste, Torres Vedras

#### **A palavra aos alunos...**

“Cada aluno, para além da constante disponibilidade de todos os professores, tinha um acompanhante de PAP, de forma a ajudar cada um a nível específico, até porque cada evento é um evento. O meu projeto chamava-se "Softlife" e pretendia desenvolver um evento ao ar livre numa unidade hoteleira em espaço rural com o objetivo de proporcionar um dia de relaxamento e bem-estar, com atividades e *workshops* vários, suscetível de despertar os participantes para diversas práticas de vida saudável. Achei muito importante ter um professor para nos orientar e apoiar cada um de nós sempre que necessário. O último ano do curso foi quase todo a pensar na PAP como se fosse um bicho-de-sete-cabeças, mas até achei que tivemos aulas mais do que suficientes para a sua realização. Todas as disciplinas de componente prática e específica para o curso foram dedicadas para dar alguma matéria e, de resto, para apoio. Também tivemos três dias dedicados exclusivamente para a PAP. Achei importante porque estes dias foram bons para fazer as partes que consideramos mais aborrecidas, mais para explicar os conceitos e as questões mais burocráticas.



A avaliação foi realizada em três momentos e penso que está muito bem pensado assim. A primeira avaliação para apresentarmos o conceito do evento e para o mesmo ser aprovado. Muito importante, pois a direção saberá melhor do que nós se aquele evento tem credibilidade e sustentabilidade para avançar. A avaliação intermédia (2ª avaliação)

---

<sup>12</sup> Azevedo, J. (2010). Escolas Profissionais: uma história de sucesso escrita por todos. *Revista Formar*, 72, 25-29.

era mais para fazer o ponto de situação, para não nos perdermos no trabalho. No meu caso, eu estava encaminhada, mas alguns colegas estavam um pouco desorientados com o que deveriam fazer e esta tutoria ajudou também nesse sentido. Por último (3ª avaliação), a grande avaliação. Aqui já era mais a sério, viriam pessoas de fora, de entidades para nos avaliar. A pressão aumenta. Senti que ficamos com mais responsabilidade nesta fase, porque coube-nos a nós, alunos, organizar e requisitar o espaço e ter tudo pronto a horas. E mais importante que isso, transmitir a informação de forma clara e sucinta. Até nesta fase os professores não nos deixaram desamparados, dando sempre dicas e sugestões para melhorarmos a nossa apresentação.

Resumindo, tivemos o melhor apoio que poderíamos ter da parte dos professores. Logicamente não faziam as coisas por nós e sem trabalho e dedicação não há resultados bons, mas a verdade é que não poderia ter realizado a PAP em melhor escola. E fico muito contente em ser uma ex-aluna da ESCO.” **Lyubov Pataliy** – Turma OE2 (Curso Técnico de Organização de Eventos) ESCO 2011-2014



“No 3º ano de curso, o último ano, o derradeiro ano, estágio, relatórios de estágio, módulos para fazer e elaborar um projeto final de curso (o meu consistia em elaborar um evento de uma mostra gastronómica da região Douro e Minho num hotel de 5 estrelas)... ui, um ano de bastante trabalho. A PAP é um projeto do próprio aluno, fiz de tudo para o elaborar, pesquisei de tudo para o fazer, foi muito bom ter uma ajuda fundamental por parte dos professores, a avaliação intermédia foi de facto muito importante, porquê? Porque na avaliação intermédia, tínhamos que apresentar à diretora técnico pedagógica e à coordenadora de curso a nossa PAP, o que tínhamos feito até ao dia da avaliação, se o projeto estava a ser bem elaborado ou não, se estávamos a sentir dificuldades ou não, se os prazos iniciais feitos pelo próprio aluno no cronograma inicial estavam a ser cumpridos ou não, aspetos positivos e negativos no projeto.

Com a minha vida pessoal bastante agitada, foi muito bom para mim terem sido descontadas aulas dos módulos para elaborar a PAP, esse tempo aproveitei ao máximo para avançar com o projeto, tempo esse que não tinha em casa e na escola era uma mais-

valia, porque, se tivermos alguma questão, temos o professor à nossa disposição para tirar qualquer dúvida que tenhamos.

Ir para a escola e ter três dias seguidos das 8h45 até às 18h00 sem aulas, só para o relatório (a PAP), para mim foi extremamente importante, esses três dias ajudaram bastante para melhorar alguns pormenores, resolver algumas questões e dúvidas. O projeto é do aluno, mas sem um professor a ajudar numa questão ou noutra, num pormenor ou outro, não se consegue fazer um excelente projeto. Agradeço imenso aos professores que me apoiaram.

Conclusão: Foram três anos de muito trabalho, mas com enorme orgulho naquilo que sou hoje. A Prova de Aptidão Profissional não é, como dizem, um ‘bicho-de-sete-cabeças’ é sim um bicho só com uma cabeça, a do aluno, porque é o aluno que sabe o que quer fazer e tem que ter a certeza do que quer fazer, não ficar com um pé atrás com dúvidas se o faz ou não, se diz ou não. Para sermos alguém, teremos que nos esforçar imenso, se fizermos agora um esforço, o futuro corre muito melhor e agradecem a vocês mesmos e a quem vos apoiou, porque, se deixarem o tempo passar e não aproveitarem TODOS os minutos que vos dão para elaborar o quer que seja que tenha prazos, então muito dificilmente chegarão ao sucesso, porque para ter sucesso não é fazer as coisas de um dia para o outro, mas sim ir fazendo.” **Marco Correia** – Turma CP1 (Curso Técnico de Restauração – variante Cozinha/Pastelaria), ESCO 2009-2012

“A PAP foi algo que, inicialmente, me deixava bastante desconfortável, porque não entendia a profundidade daquele projeto, chegava a questionar-me para quê tanto tempo para um “simples” trabalho? Mas, depois, com os meus colegas e professores, percebi a importância daquele “simples” trabalho. Afinal,



aquilo que chamava de simples tornava-se agora num grande projeto em que tinha que demonstrar, em poucas páginas, todas as minhas capacidades/competências na área em que eu pretendia trabalhar o resto da minha vida, organização de eventos.

Depois desta fase de ‘choque’, arregacei as mangas e comecei a trabalhar naquele que seria então o Grande Projeto. Tive muitas dúvidas, muitas vezes regressei à estaca

zero. Assim nasceu um projeto para a Fábrica das Histórias – Casa Jaime Umbelino com o tema do *Halloween*. Mas depressa parava para me perguntar ‘Mas o que é que tenho que fazer aqui? E aqui? Eu não sei fazer isto? Mas para que é que isto serve?’ ‘Vá, tem calma e pede ajuda!’, pensava eu. Para fazer este projeto é preciso ter autoconfiança, mas claro que os professores/colegas são essenciais nesta fase e o meu mérito é também mérito deles.

Para além da autoconfiança, é preciso, também, autonomia e responsabilidade, temos que estabelecer prazos para nós e saber cumpri-los. Aproveitar, aproveitar as aulas, os três dias inteiros de PAP que temos, que para mim foram essenciais. Tive um acompanhamento extraordinário e aproveitei todo o sumo que me foi dado pelos diferentes professores, podendo assim terminar todos os pormenores que me estavam a dar a volta à cabeça.

Finalmente tinha acabado um GRANDE projeto de um ano inteiro, um ano em que não larguei os professores, os colegas até a minha família, um ano de exaustão com dias que só queria que acabassem, com fins-de-semana com o meu melhor inimigo, o computador, em que tinha que adiantar todo o trabalho que estivesse atrasado.

Senti sobretudo um orgulho em mim que me fascinava e, quando foi a defesa deste projeto, notou-se bastante a confiança que tinha nele, pois era realizável, e é esse o segredo, é confiarmos no nosso projeto e que ele seja 100% concretizável e viável.

Ah... e pedir ajuda não é mau, quando pedimos ajuda é sinal que precisamos de uma luzinha verde para avançarmos.”



## A formação continua - OFICINA de FORMAÇÃO / Seminário sobre o Ensino Profissional



**João Simões<sup>13</sup>**

Estamos certos de que a formação contínua é fundamental para a melhoria da qualidade do desempenho dos professores e permite um contínuo aperfeiçoamento do seu contributo para a melhoria das aprendizagens dos seus alunos. Neste campo, parece-nos que a partilha de boas práticas e de interação em debate potenciado na modalidade de oficina de formação poderá assumir um papel de destaque, uma vez que permite que cada professor possa refletir criticamente sobre o seu contexto de intervenção e planear pequenas ações de melhoria que na sua opinião mais se adaptam à sua realidade.

Nos cursos profissionais esta necessidade de formação contínua é constante por força da variabilidade dos próprios cursos e currículos mas também pelas necessidades, cada vez mais prementes, de uma maior aproximação ao contexto de trabalho, de uma planificação cada vez mais interdisciplinar e de uma diferenciação pedagógica que consiga dar resposta às necessidades específicas de cada aluno.

Na nossa escola, em boa altura procurámos a doutora Luísa Orvalho, da Universidade Católica do Porto, para de forma, sempre muito contextualizada com exemplos práticos, termos refletido sobre temas como as características e potencialidades das estruturas modulares, a importância cada vez mais premente da pedagogia diferenciada e colaborativa entre os diferentes professores da turma e as especificidades da planificação e avaliação no ensino profissional.

Após a realização dos trabalhos por grupos conseguimos, de forma clara e objetiva, identificar que podemos promover um desenvolvimento curricular mais integrado tendo

---

<sup>13</sup> Diretor de ciclo dos cursos profissionais do Externato Cooperativo da Benedita

por base um trabalho colaborativo do conselho de turma liderado pelo diretor de curso, e uma maior interação com a autarquia e a comunidade envolvente, o ensino superior e as empresas, tentando motivar cada vez mais os nossos alunos e fazendo com que estes sintam melhorias ao nível das aprendizagens.

Sabemos que poderão existir sempre alguns alunos que parecem desligados de tudo e que por mais que nós professores nos esforcemos para que se empenhem nada surte o nosso desejado efeito, mas esse facto, que em determinadas alturas nos pode mesmo desmotivar, não nos vai retirar a força e a vontade de acreditar que tudo faremos para que eles possam saber, saber fazer, saber ser, saber estar e saber aprender no seu emprego futuro e no seu papel de cidadão em geral.